



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

ABÍLIO DUARTE DA SILVA BRITO

Pensamento de Bento XVI nas suas Cartas Encíclicas

Dissertação Final
sob a orientação de:
Prof. Doutora Maria Isabel Pereira Varanda

Braga
2012

Índice

INTRODUÇÃO.....	5
CAPÍTULO I – O PAPA BENTO XVI E AS SUAS ENCÍCLICAS.....	7
1. Bento XVI e o seu Pontificado.....	7
1.1. <i>Biografia.....</i>	<i>7</i>
1.2. <i>Bento XVI - Um pontificado no novo milénio.....</i>	<i>11</i>
2. As encíclicas de Bento XVI.....	15
2.1. <i>O que é uma encíclica?.....</i>	<i>15</i>
2.2. <i>As encíclicas de Bento XVI:</i>	
<i>Deus Caritas Est, Spe Salvi e Caritas in Veritate.....</i>	<i>17</i>
CAPÍTULO II – «DEUS CARITAS EST» - O AMOR CRISTÃO.....	18
1. Forma.....	18
2. Conteúdo.....	19
3. Reflexão crítica.....	29
CAPÍTULO III – «SPE SALVI» - A ESPERANÇA CRISTÃ.....	33
1. Forma.....	33
2. Conteúdo.....	35
3. Reflexão crítica.....	40
CAPÍTULO IV – «CARITAS IN VERITATE» - O DESENVOLVIMENTO HUMANO INTEGRAL NA CARIDADE E NA VERDADE.....	42
1. Forma.....	42
2. Conteúdo.....	43

3. Reflexão crítica	65
CONCLUSÃO	68
BIBLIOGRAFIA	77

INTRODUÇÃO

Sendo as encíclicas os documentos mais importantes da responsabilidade do Papa, faço esta dissertação sobre as três encíclicas de Sua Santidade Bento XVI, por considerar que o Santo Padre nelas faz uma importante reflexão sobre as questões que considera mais pertinentes para vida da Igreja e do mundo nos dias de hoje.

Escolho este tema, porque desejo aprofundar o pensamento do grande teólogo que é o Papa Bento XVI, na leitura das grandes questões que se levantam nos nossos tempos.

A pertinência deste estudo deve-se ao facto de nos encontrarmos num período de grandes mudanças nos diferentes âmbitos da vida humana: no âmbito social como também nos domínios económico, político, cultural e religioso.

Assistimos, na nossa sociedade ocidental, a uma profunda crise de valores que gera, indubitavelmente, uma mentalidade materialista, individualista, hedonista, consumista, tecnicista, egocêntrica; uma mentalidade que relativiza a verdade num mundo em crescente globalização.

As encíclicas são documentos de referência a nível mundial, não só para os católicos mas também para a sociedade em geral, sobretudo no que se refere aos valores éticos, mesmo quando estes valores não são partilhados por alguns responsáveis e intelectuais, sobretudo da nossa sociedade ocidental.

Este trabalho estrutura-se em quatro capítulos. No primeiro capítulo, pretendo apresentar algumas notas biográficas de Sua Santidade Bento XVI e qual o contexto histórico em que foi eleito. Farei, depois, uma pequena referência sobre os documentos pontifícios, particularmente encíclicas e seguidamente uma apresentação das atuais encíclicas de Bento XVI.

Ao longo dos restantes três capítulos desenvolverei um estudo das encíclicas, onde dedicarei um capítulo para cada um dos documentos, onde cada capítulo organiza-se à volta de dois aspetos principais, a forma e o conteúdo e seguidamente uma breve reflexão crítica.

O Santo Padre desenvolve, ao longo das encíclicas, temas que estão relacionados entre si e são transversais, tais como: a *fé*, a *esperança*, a *caridade*, a *verdade*, a justiça, o *bem comum*; é em Deus que todos estes temas têm o seu último fundamento. Entre as diversas questões subjacentes encontram-se questões que são fundamentais para o Homem: quem é Deus e quem é o ser humano.

Deus Caritas Est é o primeiro documento solene do Papa Bento XVI, e nele o Santo Padre faz uma reflexão sobre o amor divino: *Deus é amor*, o amor faz parte da essência de Deus e é o centro da fé Cristã. A encíclica realça a importância do amor para percebermos quem é Deus e quem é o Homem, sendo Jesus Cristo o amor encarnado e, portanto, o Cristianismo é o encontro com a pessoa de Jesus, que dá um novo horizonte à vida humana.

Spe Salvi, isto é, *Salvos na Esperança* é a segunda encíclica em que o papa desenvolve uma reflexão sobre a importância da esperança para a vida humana, que é o motor da vida presente. A verdadeira esperança é aquela que salva e que vem de Deus por meio de Jesus Cristo. Maria, sendo mãe de Deus e nossa mãe, é apresentada como a mãe da esperança.

Caritas in Veritate, a terceira encíclica de Bento XVI, reflete sobre o autêntico desenvolvimento humano para os tempos atuais; baseando-se na encíclica de Paulo VI, *Populorum Progressio*, é uma abordagem atual da Doutrina Social da Igreja.

Concluirei este trabalho com uma síntese das ideias chave de cada uma das encíclicas, onde tentarei evidenciar as questões transversais aos três documentos e que traduzem, de algum modo, as grandes preocupações do Papa e, por isso, da Igreja, fundada por Jesus Cristo.

CAPÍTULO I – O PAPA BENTO XVI E AS SUAS ENCÍCLICAS

Neste primeiro capítulo apresento algumas notas biográficas de Joseph Alois Ratzinger e quais as circunstâncias históricas em que foi eleito. De seguida, farei uma referência sobre o que é uma encíclica e consecutivamente uma apresentação das atuais encíclicas de Bento XVI.

1. Bento XVI e o seu Pontificado

Neste primeiro ponto, desenvolvo brevemente alguns dados biográficos do atual Papa, Bento XVI, qual a seu percurso de vida enquanto Cristão e, após a sua ordenação sacerdotal, qual foi o seu percurso académico. Faço, depois, a contextualização histórica da sua eleição para Sumo Pontífice da Igreja Católica.

1.1. Biografia

Bento XVI é o Bispo de Roma, sucessor de Pedro, o chefe dos apóstolos e, por isso mesmo, o chefe do Colégio Episcopal. É, portanto, o responsável máximo da Igreja Católica. Foi eleito Papa no Conclave de 19 de abril 2005, após a morte de Sua Santidade João Paulo II.

Apresento seguidamente alguns dos dados biográficos mais significativos de Sua Santidade Papa Bento XVI, recolhidos a partir do seu livro, *A minha vida*¹ e do site oficial do Vaticano a *Biografia de Sua Santidade Bento XVI*².

¹ Joseph RATZINGER, *A minha vida*, Livros do Brasil, Lisboa, 2005.

² http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/biography/documents/hf_ben-xvi_bio_20050419_short-biography_po.html (12.04.2012).

Joseph Alois Ratzinger nasceu no dia 16 de abril de 1927, em Marktl am Inn, diocese de Passau, na Alemanha. O pai, Herrn Joseph Ratzinger foi comissário da polícia e procedia duma antiga família de agricultores da Baixa Baviera, de modestas condições económicas e sua mãe, Frau Maria Ratzinger era filha de artesãos de Rimsting.³

Joseph Ratzinger passou a infância e adolescência em Traunstein, uma pequena localidade perto da fronteira com a Áustria e foi neste ambiente que recebeu a sua formação cristã, humana e cultural. O período da sua juventude não foi fácil, mas a conduta da sua família, que sempre deu um claro testemunho de bondade e esperança,⁴ foi uma marca fundamental para a sua vida.

A fé e a educação da sua família prepararam-no para enfrentar a dura experiência daqueles tempos em que o regime nazista mantinha um clima de grande hostilidade contra a Igreja Católica. É, precisamente nesta complexa situação que descobre a beleza e a verdade da fé em Cristo⁵.

Após um período de formação no seminário de Frisinga, recebeu, em 29 de junho de 1951, a Ordenação Sacerdotal. No ano seguinte, começou a sua atividade de professor de teologia dogmática e fundamental na Escola Superior de Frisinga e, em 1953, doutorou-se em teologia com a tese *Povo e Casa de Deus na Doutrina da Igreja de Santo Agostinho*⁶.

Em fevereiro de 1957, sob a direção do conhecido professor de teologia fundamental Gottlieb Söhngen, conseguiu a habilitação para a docência com uma dissertação sobre *a Teologia da História em São Boaventura*⁷.

Exerceu a docência em diversas universidades: entre 1959 e 1963, em Bona, a docência de Teologia Fundamental; de 1963 a 1966, em Munique foi professor de

³ Cf. http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/biography/documents/hf_ben-xvi_bio_20050419_short-biography_po.html (12.04.2012).

⁴ Cf. *Ibidem*.

⁵ Cf. *Ibidem*.

⁶ Cf. *Ibidem*.

⁷ Cf. *Ibidem*.

Dogmática⁸; de 1966 a 1969 em Tubinga⁹, lecionou Cristologia e foi colega de Hans Küng¹⁰; em 1969, na Universidade de Ratisbona, passou a ser catedrático de dogmática e história do dogma, tendo ocupado também o cargo de Vice-Reitor da mesma Universidade¹¹.

De 1962 a 1965, prestou um notável contributo como *perito* no Concílio Vaticano II. Tinha ido como *consultor teológico* do Cardeal Joseph Frings, Arcebispo de Colónia¹².

Em 1972 fundou, em conjunto com os teólogos Hans Urs von Balthasar (1905-1988) e Henri De Lubac (1896-1992), a revista *Communio*, para dar uma resposta positiva à crise teológica e cultural que despontou após o Concílio Vaticano II¹³.

Em 28 de maio 1977, recebeu a ordenação episcopal e, antes da ordenação, tinha sido nomeado Arcebispo de Munique e Frisinga. Escolheu como lema episcopal, *Colaboradores da Verdade*, porque tinha o desejo de seguir a verdade e, pôr-se ao seu serviço.

No mundo de hoje, o tema da verdade desapareceu, quase por completo, por ser considerado demasiado ousado para o homem. Todavia, sem a verdade nada tem fundamento¹⁴.

Em 1977, Paulo VI nomeou-o Cardeal, com o título presbiteral de *Santa Maria da Consolação no Tiburtino*. No ano seguinte, participou no Conclave, celebrado em agosto, que elegeu João Paulo I e, nesse mesmo ano, no mês de outubro, participou também no Conclave que elegeu João Paulo II¹⁵.

No ano de 1981, João Paulo II nomeou-o *Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé*, presidente da *Pontifícia Comissão Bíblica* e da *Comissão Teológica Internacional*; em

⁸ Cf. Joseph RATZINGER, *A minha vida*, pp. 91 a 92.

⁹ Cf. *Ibidem*, p. 96.

¹⁰ Cf. *Ibidem*, p. 99.

¹¹ Cf. http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/biography/documents/hf_ben-xvi_bio_20050419_short-biography_po.html (12.04.2012).

¹² Cf. *Ibidem*.

¹³ Cf. http://pt.wikipedia.org/wiki/Papa_Bento_XVI (12.04.2012).

¹⁴ Cf. Joseph RATZINGER, *A minha vida*, p. 112.

¹⁵ Cf. http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/biography/documents/hf_ben-xvi_bio_20050419_short-biography_po.html (12.04.2012).

15 de fevereiro de 1982, renunciou ao governo pastoral da arquidiocese de Munique e Frisinga¹⁶.

Foi ainda Presidente da Comissão encarregada da preparação do *Catecismo da Igreja Católica*, a qual, após seis anos de trabalho (1986-1992), apresentou ao Santo Padre o novo Catecismo¹⁷.

A 6 de novembro de 1998, o Santo Padre aprovou a eleição do Cardeal Ratzinger para *Vice-Decano* do Colégio Cardinalício, realizada pelos Cardeais da Ordem dos Bispos e, a 30 de novembro de 2002, aprovou a sua eleição para *Decano*¹⁸.

É também, desde 13 de novembro de 2000, membro honorário da *Academia Pontifícia das Ciências*. Desempenhou muitas funções de relevo na *Cúria Romana*. Foi Membro do *Conselho da Secretaria de Estado para as Relações com os Estados* e membro das seguintes *Congregações*: para as *Igrejas Orientais*; para o *Culto Divino* e a *Disciplina dos Sacramentos*; para os *Bispos*; para a *Evangelização dos Povos*; para a *Educação Católica*; para o *Clero* e para as *Causas dos Santos*¹⁹.

Também pertenceu aos *Conselhos Pontifícios*: para a *Promoção da Unidade dos Cristãos* e para a *Cultura*; para os *Textos Legislativos*. Fez parte do *Tribunal Supremo da Assinatura Apostólica* e das *Comissões Pontifícias para a América Latina, Ecclesia Dei*²⁰.

Entre as suas numerosas publicações ocupam lugar de destaque o livro *Introdução ao Cristianismo*, uma compilação de lições universitárias (1968) sobre a profissão de fé apostólica e o livro *Dogma e Revelação* (1973) que é uma antologia de ensaios, homilias e meditações dedicadas à pastoral²¹.

¹⁶ Cf. http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/biography/documents/hf_ben-xvi_bio_20050419_short-biography_po.html (12.04.2012).

¹⁷ Cf. *Ibidem*.

¹⁸ Cf. *Ibidem*.

¹⁹ Cf. *Ibidem*.

²⁰ Cf. *Ibidem*.

²¹ Cf. *Ibidem*.

Em 1985, publicou o livro-entrevista *Relatório sobre a Fé* e, em 1996, *O sal da terra*. Por ocasião do seu septuagésimo aniversário, publicou o livro *Na escola da verdade*, onde aparecem ilustrados, por vários autores, aspetos diversificados da sua personalidade e da sua obra²².

Recebeu numerosos doutoramentos *honoris causa*: pelo *College of St. Thomas em St. Paul* (Minnesota, Estados Unidos), em 1984; pela *Universidade Católica de Eichstätt*, em 1987; pela *Universidade Católica de Lima*, em 1986; pela *Universidade Católica de Lublin*, em 1988; pela *Universidade de Navarra* (Pamplona, Espanha), em 1998; pela *Livre Universidade Maria Santíssima Assunta* (Lumsa, Roma), em 1999; pela *Faculdade de Teologia da Universidade de Wrocław* (Polónia) no ano 2000²³.

1.2. Bento XVI - Um pontificado no novo milénio

Após a morte de João Paulo II, o colégio dos cardeais reuniu-se a 19 de Abril de 2005. O mundo recebeu com surpresa a eleição do Cardeal Joseph Ratzinger aos 78 anos de idade para responsável máximo da Igreja Católica.

No dia 24 de Abril do mesmo ano, tomou posse numa cerimónia na Basílica de São Pedro em Roma. O novo papa, era então, conhecido por ser Cardeal Joseph Ratzinger, o prefeito da *Congregação para a Doutrina da Fé* e tinha a fama de ser um teólogo conservador.

Foram muitas as interrogações, então levantadas, sobre o futuro da Igreja, uma vez que o prefeito da *Congregação para a Doutrina da Fé* não gozava, na altura, da melhor reputação, e, por isso, muito se escreveu sobre o novo Papa. Alguns teólogos tinham a esperança que Bento XVI fosse um grande papa, chegando a compará-lo com o Papa João XXIII.

²² Cf. http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/biography/documents/hf_ben-xvi_bio_20050419_short-biography_po.html (12.04.2012).

²³ Cf. *Ibidem*.

Todos se interrogavam se seria o homem ideal para enfrentar as dificuldades do catolicismo no novo milénio.

Bento XVI é um homem de coragem, e prova disso é o modo como tem sido capaz de enfrentar as muitas situações problemáticas dos nossos tempos.

Um distintivo de Bento XVI é a luta contra o relativismo, defendendo que é o homem que tem de procurar a verdade, porque ele é capaz da verdade. Claro que a verdade necessita de ser aferida por critérios de verificação e de falsificação. E deve andar sempre de mãos dadas com a tolerância²⁴.

Para o Santo Padre «a verdade não pode chegar através da violência, mas sim através da força que lhe é própria: Jesus apresenta-Se a Pilatos como a verdade e como testemunha da verdade. Ele não defende a verdade com legiões, mas torna-a visível através da sua paixão e assim a põe também em prática»²⁵.

Perante a filosofia do relativismo que não reconhece nada como definitivo e que tem como critério último apenas o próprio eu e os seus desejos, o papa afirma estar convencido de que tal filosofia está a aproximar-se do fim²⁶. E perante a difusão de uma nova intolerância religiosa, o Santo Padre diz ser óbvio existirem «regras ensaiadas de pensamento que são impostas a todos e que são depois anunciadas como uma espécie de tolerância negativa”. E dá, o seguinte exemplo: “quando se quer, em nome da não discriminação, obrigar a Igreja Católica a mudar a sua opinião relativamente à homossexualidade ou à ordenação de mulheres, isso quer dizer que ela já não poderá viver a sua própria identidade, e que, em vez disso, há uma religião negativa abstracta que se transforma em critério tirânico e que todos devemos seguir»²⁷.

²⁴ Cf. BENTO XVI (entrevista com Peter SEEWALD), *Luz do Mundo – o Papa, a Igreja e os Sinais dos tempos*, Lucerna, Cascais, 2010, p. 58.

²⁵ *Ibidem*.

²⁶ Cf. *Ibidem*, p. 10.

²⁷ Cf. *Ibidem*, p. 59.

«Que em nome da tolerância - prossegue o papa Bento XVI – seja abolida a própria tolerância é uma verdadeira ameaça diante da qua todos nos encontramos»²⁸.

E o Sumo Pontífice alerta para o perigo da razão, a chamada razão ocidental, que afirma que «reconheceu agora o que é verdadeiro, e apresenta uma pretensão de totalidade que é hostil à liberdade». Se, continua o papa, «ninguém é obrigado a ser cristão (...) tão-pouco deve ser obrigado a viver a “nova religião” determinada como única e obrigatória para toda a humanidade»²⁹.

O Santo Padre atesta e defende que «os cristãos são tolerantes e, nesse sentido, deixam que os outros tenham a sua própria identidade. Estamos agradecidos pelo facto de, nos países do Golfo Pérsico haver Igrejas nas quais os cristãos podem celebrar missa, e esperamos que seja assim em todo o lado. Por isso, é evidente que os muçulmanos também devem poder reunir-se para rezar em mesquitas nos países cristãos»³⁰.

Logo no início do seu ministério Petrino, surgiu na Igreja o escândalo da pedofilia no seio de algumas Igrejas particulares. Trata-se de uma situação muito dolorosa e delicada e o Santo Padre confessou que «ver subitamente o sacerdócio tão conspurcado, e com ele também a própria Igreja Católica no seu íntimo, foi algo realmente duro de suportar. Mas foi necessário não perder de vista que existe o Bem na Igreja e não apenas estas coisas terríveis»³¹.

Outra questão polémica que Bento XVI teve que enfrentar foram as críticas dos meios de comunicação e de alguns sectores da Igreja, em relação à condenação do uso de preservativos como meio de combater a sida no mundo.

Peter Seewald, no seu livro entrevista *Luz do Mundo*, questionou o Santo Padre: «Em África, Vossa Santidade afirmou que a doutrina tradicional da Igreja tinha revelado ser o caminho mais seguro para conter a propagação da sida. Os críticos, provenientes também da

²⁸ BENTO XVI (entrevista de Peter SEEWALD) *Luz do Mundo*, p. 59.

²⁹ *Ibidem*.

³⁰ *Ibidem*, p. 61.

³¹ *Ibidem*, p. 34.

Igreja, dizem, pelo contrário, que é uma loucura proibir a utilização de preservativos a uma população ameaçada pela sida»³².

O Papa respondeu que, em termos jornalísticos, a sua viagem a África foi totalmente ofuscada por uma única frase. E acrescentou: «Perguntaram-me porque é que, no domínio da sida, a Igreja Católica assume uma posição irrealista e sem efeito – uma pergunta que considere realmente provocatória, porque ela faz mais do que todos os outros»³³.

O Santo Padre apenas tinha dito que não se pode resolver o problema sida (HIV) com a distribuição de preservativos, esclarecendo que é preciso fazer muito mais. «Temos de estar próximos das pessoas, orientá-las, ajudá-las; e isso quer antes, quer depois de uma doença»³⁴. E Bento XVI assegura que a Igreja é o organismo que mais faz no mundo, porque é a única instituição que está muito próxima das pessoas, agindo preventivamente: educando, ajudando, aconselhando, acompanhando. Faz mais porque trata, como mais ninguém, de tantos doentes com sida e, em especial, crianças doentes com sida. Faz mais do que os outros porque não se limita a falar da tribuna que é o jornal, mas ajuda as irmãs e os irmãos no terreno³⁵.

Por fim o jornalista pergunta: Quer isso dizer que, em princípio, a Igreja Católica não é contra a utilização de preservativos?

Bento XVI responde dizendo que a Igreja «não considera a utilização de preservativos uma solução verdadeira e moral. Num ou noutro caso, embora seja utilizado para diminuir o risco de contágio, o preservativo pode ser um primeiro passo na direção de uma sexualidade vivida de outro modo, mais humana»³⁶.

O exercício do ministério Petrino, por parte de Bento XVI, não é feito sem muitas dificuldades e mesmo sem crises, como por exemplo, o clima de suspeição dentro do próprio Vaticano por causa da fuga de informação confidencial que ocasionou a demissão do presidente do Banco do Vaticano, por alegados negócios obscuros.

³² BENTO XVI (entrevista de Peter SEEWALD) *Luz do Mundo*, p. 118.

³³ *Ibidem*, pp. 118 e 119.

³⁴ *Ibidem*, p. 119.

³⁵ Cf. *Ibidem*.

³⁶ *Ibidem*, p. 120.

Uma outra situação difícil que o Santo Padre teve de enfrentar, que incitou uma crise no diálogo inter-religioso com os Muçulmanos, na sequência da polémica conferência de Ratisbona. Em termos diplomáticos, Bento XVI pode não ter sido muito prudente, contudo foi muito audaz em assumir o seu pensamento desfavorável em relação ao mundo islâmico e, ao seu modo prepotente de difundir a fé.

Muitas outras questões difíceis permanecem em aberto, como por exemplo a recente polémica do apelo à desobediência ao Vaticano por parte de mais de 300 padres austríacos e as questões associadas a esta polémica, a permissão ao sacerdócio às mulheres e aos homens casados, a comunhão eucarística para os divorciados recasados. E ainda as controversas com os grupos tradicionalistas, principalmente com a comunidade Pio X, e os problemas associados às reformas encetadas pelo Concílio Vaticano II.

É neste contexto que o Santo Padre é chamado a exercer o seu ministério Petrino e é nele que a Igreja deve exercer a sua missão de anunciar o Reino de Deus.

2. As encíclicas de Bento XVI

Neste segundo ponto, exponho qual o estatuto de uma encíclica de entre os diferentes documentos Papais, quais são as encíclicas escritas até aos nossos dias pelo atual Papa, Bento XVI e de que se trata em cada uma delas.

2.1. O que é uma encíclica

É um documento eclesial do Santo Padre. A «Carta Encíclica ou simplesmente Encíclica (lat., *Litterae Encyclicae*), documento de exercício do magistério ordinário sobre

doutrina, culto, moral, problemas humanos, dirigida a toda a Igreja e, por vezes também aos homens de boa vontade»³⁷.

«As encíclicas são sempre dirigidas aos Bispos em comunhão com a Sé Apostólica e, por meio deles, a cada uma das Igrejas; por vezes tratam-se de cartas especificamente dirigidas a uma Igreja particular, outras vezes, mais frequentemente, à totalidade das Igrejas, e, portanto à Igreja universal. São habitualmente escritas em latim, embora haja casos de encíclicas diretamente publicadas em língua vulgar (por exemplo, *Au milieu des illicitudes*, de Leão XIII em 1892, dedicada às condições da Igreja francesa, ou a *Mit Brennender Sorge*, de Pio XI contra as prevaricações do paganismo nazi, em 1937)»³⁸.

«Na redefinição dos graus de autoridade do ensinamento magistral do Papado, efetuado a partir do Concílio Vaticano I, a encíclica ocupa um lugar significativo pela sua importância e universalidade, ainda que não se lhe atribua a solenidade e a infalibilidade das definições dogmáticas *ex cathedra*»³⁹.

«Podem-se distinguir-se as encíclicas, doutrinárias, destinadas a acentuar pontos específicos ou gerais do ensino doutrinário, por vezes, condenando os erros correspondentes, e as encíclicas sociais, inauguradas pela *Rerum Novarum* do Papa Leão XIII (1891)»⁴⁰.

O nome da Encíclica é, habitualmente, tirado das palavras com que se inicia, como por exemplo, a *Fides et Ratio* que começa, precisamente, “A fé e a razão (fides et ratio)...”.

Ao longo da história foram publicadas quase 300 Encíclicas. Há Encíclicas mais marcantes que outras dependendo da atualidade e do conteúdo dos seus textos. A *Rerum Novarum*, de Leão XIII, a *Mater et Magistra*, de João XXIII, ou da *Fides et Ratio*, de João Paulo II, para mencionar apenas algumas das que tiveram um grande impacto na história da Igreja e mesmo da história da humanidade.

³⁷ Manuel FALCÃO, *Enciclopédia Católica Popular*, Paulinas, Prior Velho, 2004, p. 142.

³⁸ Mariam GODINHO e outros (trad.), *Christos Enciclopédia do Cristianismo*, Verbo, Lisboa, 2004, p. 316.

³⁹ *Ibidem*.

⁴⁰ *Ibidem*.

2.2 - As encíclicas de Bento XVI: *Deus Caritas Est*, *Spe Salvi* e *Caritas in Veritate*

São três as encíclicas que o Papa Bento XVI escreveu até ao momento, *Deus Caritas Est*, *Spe Salvi* e *Caritas in Veritate*. *Deus Caritas Est*, dedicada ao amor cristão⁴¹; *Spe Salvi*, dedicada à esperança cristã⁴² e *Caritas in Veritate*, dedicada ao desenvolvimento humano integral, na caridade e na verdade⁴³.

Sendo, em qualquer pontificado, as encíclicas os documentos papais mais importantes, entendi ser oportuno, para a minha formação, concentrar o meu trabalho de dissertação de mestrado em teologia nas três encíclicas publicadas no curto espaço de tempo em que Bento XVI exerce a sua missão.

Consciente de que vou trabalhar, não só o pensamento de um grande teólogo, mas também de um grande filósofo, espero a ajuda do Espírito Santo, para concluir tão difícil tarefa, numa abordagem aos textos que refletem as preocupações do Santo Padre e de toda a Igreja, relativamente às questões mais importantes dos nossos tempos.

O mundo atual adotou o secularismo como parte importante da sua forma de viver. A descristianização que se tornou visível nesta Europa que, de um modo geral, esqueceu as suas origens judaico-cristãs, deve ser motivo, mais do que suficiente, para preocupar o Sumo Pontífice e chamar a atenção de todo o seu rebanho para o enorme desvio que se vai verificando em relação à busca da Verdade que devemos prosseguir.

As encíclicas são documentos de referência, reconhecidos a nível mundial, não só pelos católicos como pela restante sociedade, sobretudo no que se refere aos valores éticos, mesmo quando estes não são partilhados por alguns responsáveis e intelectuais, sobretudo na nossa sociedade ocidental.

⁴¹ BENEDICTUS XVI, *Litterae Encyclicae Deus Caritas Est*, in *Acta Apostolicae Sedis*, vol. 98 (2006), subtítulo.

⁴² BENEDICTUS XVI, *Litterae Encyclicae Spe Salvi*, in *Acta Apostolicae Sedis*, vol. 99 (2007), subtítulo.

⁴³ BENEDICTUS XVI, *Litterae Encyclicae Caritas in Veritate*, in *Acta Apostolicae Sedis*, vol. 101 (2009), subtítulo.

CAPÍTULO II – «DEUS CARITAS EST» - O AMOR CRISTÃO

Desenvolverei, neste capítulo, um estudo da encíclica *Deus Caritas Est*. Num primeiro momento abordarei aspetos relacionados com a forma, isto é, alguns dados fundamentais do documento; num segundo momento, explanarei os conteúdos mais significativos e, posteriormente, elaborarei uma reflexão crítica sobre a encíclica.

1. Forma

Deus Caritas Est, que em português significa *Deus é Amor*, é a primeira carta encíclica do sumo pontífice Bento XVI. A encíclica está escrita numa linguagem acessível, contendo, no entanto, passagens que obrigam a profundos momentos de reflexão e de consulta de outras fontes, nomeadamente na área da Filosofia. Embora escrita, inicialmente, em latim, está traduzida, oficialmente, em 13 línguas, inclusive a portuguesa⁴⁴.

O seu conteúdo versa, unicamente, *o amor cristão*. A encíclica é composta por duas partes, mais a introdução e a conclusão, distribuída por 42 números:

- *Introdução* (1)
- I Parte – *A Unidade do Amor na Criação e na História da Salvação* (2-18)
- II Parte - *Caritas - A Prática do Amor Realizada pela Igreja Enquanto «Comunidade de Amor»* (19-39)
- *Conclusão* (40-42)

A encíclica foi assinada em 25 de dezembro de 2005 e anunciada durante a audiência geral no dia 18 de janeiro de 2006.

⁴⁴ Cf. http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/encyclicals/index_po.htm (04.03.2012).

2. Conteúdo

O título da encíclica é tirado das primeiras palavras do texto, como sempre acontece em todos os documentos da Igreja e, que por sua vez, é uma citação da primeira carta de São João: «Deus é amor, e quem permanece no amor permanece em Deus, e Deus nele» (1 Jo 4,16). O grande objetivo da encíclica é aprofundar os vários aspetos do conceito do *amor cristão* que constitui o centro da fé cristã, dando-nos a conhecer quem é Deus e quem é o Homem.

Para o cristão, acreditar que Deus é amor e que a fé em Deus se exprime como um encontro com Alguém que é uma pessoa, dá um horizonte novo à sua existência e, por esta razão compromete necessariamente o seu modo de viver.

A relação da pessoa humana com Deus tem implicações nas relações interpessoais, porque o amor a Deus passa, necessariamente, pelo amor ao próximo: «Amarás o teu próximo como a ti mesmo» (Lv19,18; cf. Mc12,29-31), e pretende suscitar no mundo um renovado dinamismo de compromisso na resposta humana ao amor divino⁴⁵.

Segundo Bento XVI, quando afirmamos que *Deus é amor*, surge uma primeira dificuldade uma vez que a palavra amor pode ser aplicada para coisas muito diferentes, com significados muito diversos. Por isso, nos interrogamos sobre o que é o amor quando nos referimos a Deus. Poderemos unificar estas diferentes aplicações da palavra amor ou, pelo contrário, serão realidades completamente independentes umas das outras?

A Grécia antiga deu o nome de *eros* ao amor entre o homem e a mulher e *philia* para significar amizade; a Sagrada Escritura prefere utilizar a palavra de origem hebraica *ágape* (que não era usada na linguagem grega); a palavra *eros* foi usada somente duas vezes na Bíblia, enquanto a palavra *philia*, é usada no Evangelho de São João exprime a relação entre Jesus e os seus discípulos⁴⁶.

⁴⁵ Cf. BENEDICTUS XVI, *Deus Caritas Est*, 1.

⁴⁶ Cf. *Ibidem*, 3.

Bento XVI procura demonstrar que o amor entre o homem e a mulher, isto é, o *eros* é proveniente da bondade de Deus criador e quando este amor se transforma em renúncia de si mesmo em favor do outro, o *eros* transforma-se em *ágape*.

A grande novidade do amor no cristianismo é o amor *ágape*, como sendo um amor oblato, isto é, um amor que não se procura a si mesmo mas procura, sobretudo, o bem do outro.

«Na crítica ao cristianismo, que se foi desenvolvendo com radicalismo crescente a partir do iluminismo, esta novidade foi avaliada de forma absolutamente negativa»⁴⁷.

Na antiga Grécia, existia a falsa divinização do *eros* com o culto da fertilidade e a prostituição «sagrada». No Antigo Testamento, considera-se uma perversão da religiosidade e, por consequência, dá-se a degradação do ser humano porque o priva da sua dignidade e o desumaniza⁴⁸.

São necessárias purificações e amadurecimentos para dar a verdadeira grandeza à dignidade humana, uma vez que o ser humano é um ser uni-dual, isto é, um ser constituído por corpo e espírito. Ambos são igualmente importantes e inseparáveis. Portanto, para o cristianismo, o *eros* não é algo de negativo mas, se bem entendido, pode dar a possibilidade da verdadeira realização humana⁴⁹.

Como deve ser vivido o amor segundo a nova visão do Cristianismo, que se expressa pela palavra *ágape*, para que se realize plenamente a sua promessa humana e divina?

O amor, na nova visão cristã, exprime-se por uma contínua descoberta do outro, superando o eventual carácter egoísta da fase inicial do relacionamento, o amor procura, progressivamente, o bem do amado. Jesus, no seu caminho pessoal que O conduz através da cruz, à ressurreição, descreve a essência do amor e da existência humana; a plenitude da vida no amor é como o grão de trigo que morre e dá muito fruto⁵⁰.

⁴⁷ BENEDICTUS XVI, *Deus Caritas Est*, 3.

⁴⁸ Cf. *Ibidem*, 4.

⁴⁹ Cf. *Ibidem*, 5.

⁵⁰ Cf. *Ibidem*, 6.

O amor na dimensão do *eros* e na dimensão do *ágape* são complementares. É uma única realidade, embora com distintas e inseparáveis dimensões. Quanto mais unidas forem estas duas dimensões, tanto mais se realiza a verdadeira natureza do amor. À medida que o ser humano se aproxima do outro, fará cada vez menos perguntas sobre si próprio e procurará sempre cada vez mais a felicidade do outro.

Antes do Judaísmo, os povos acreditavam em diversos deuses e, na Bíblia, passamos a ter uma nova imagem de Deus: «existe um único Deus, que é o Criador do céu e da terra, e por isso é também o Deus de todos os seres humanos»⁵¹.

Este Deus ama pessoalmente o ser humano com um amor de eleição. Deus escolhe Israel entre todos os povos e ama-o pensando sempre na humanidade inteira. Este Seu amor pode ser qualificado como *eros* que, no entanto, é também totalmente *ágape*.

A relação de Deus com Israel é ilustrada com arrojadas imagens eróticas, sobretudo nos profetas Oseias e Ezequiel que descreveram esta paixão de Deus pelo seu povo, através de metáforas de noivado e de matrimónio e que, por este motivo, compara a infidelidade e a prostituição com a idolatria.

Deus, através da *Torah*, dá ensinamentos sobre a verdadeira natureza do ser humano e indica-lhe qual deve ser o caminho a percorrer para alcançar um verdadeiro humanismo. Por seu lado, o ser humano, vivendo na fidelidade ao único Deus, sente-se a si próprio como aquele que é amado por Deus e descobre a alegria na verdade e na justiça⁵².

O *eros* de Deus pelo ser humano é ao mesmo tempo totalmente *ágape*, porque é dado de maneira totalmente gratuita, é amor que perdoa. Mesmo na infidelidade do ser humano, o amor de Deus não diminui e, desta forma, se descreve a relação de Deus com o ser humano e do ser humano com Deus⁵³.

⁵¹ BENEDICTUS XVI, *Deus Caritas Est*, 9.

⁵² Cf. *Ibidem*.

⁵³ Cf. *Ibidem*, 10.

O matrimónio, baseado num amor exclusivo e definitivo, torna-se o ícone do relacionamento de Deus com o seu povo sendo, por isso, o matrimónio monogâmico a imagem de Deus único.

A verdadeira novidade do Novo Testamento é o próprio Jesus Cristo, o Filho de Deus que se fez Criatura por amor da humanidade. N'Ele se dá a plenitude da revelação de Deus. Ele é o próprio Deus que vai atrás da *ovelha perdida*, imagem da própria humanidade sofredora e transviada⁵⁴.

A «santíssima Eucaristia é a doação que Jesus Cristo faz de Si mesmo, revelando-nos o amor infinito de Deus por cada homem. Neste sacramento admirável, manifesta-se o amor “maior”: o amor que leva a “dar a vida pelos amigos” (Jo 15, 13). De facto, Jesus “amou-os até ao fim” (Jo 13, 1)»⁵⁵.

Na Eucaristia o *Logos* torna-Se o alimento que dá a vida eterna, numa atitude de morte e ressurreição, e envolve todo o crente nesta atitude de doação. Porque somos todos alimentados da Eucaristia, tornámo-nos *um só corpo* e, por isso, a união com todos os cristãos constitui a Igreja de Cristo.

Na Eucaristia, é o amor que se dá e todo aquele que se alimenta da mesma deve ser a expressão desse mesmo amor, ou seja, a Eucaristia deve ter necessariamente repercussões na vida de todo aquele que a celebra e porque o amor nos é dado também nos pode ser mandado, «dou-vos um novo mandamento: que vos ameis uns aos outros; que vos ameis uns aos outros assim como Eu vos amei. Por isto é que todos conhecerão que sois meus discípulos» (Jo13,34-35).

A parábola do rico avarento não é mais do que uma chamada de atenção para a importância do amor, assim como a parábola do bom Samaritano. Esta última, exemplifica, de modo eloquente, quem é o nosso próximo que deve ultrapassar os limites de um povo e alargar-se, de modo universal, a todo aquele que necessita de nós.

⁵⁴ Cf. BENEDICTUS XVI, *Deus Caritas Est*, 12.

⁵⁵ BENEDICTUS XVI, *Adhortatio Apostolica Postsynodalis Sacramentum Caritatis*, in *Acta Apostolicae Sedis*, vol. 99 (2007), 1.

A parábola do Juízo final (cf. Mt 25,31-46) ilustra como o amor se torna o critério para avaliar a nossa conduta na vida e revela como Jesus Se identifica com os mais necessitados: «Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a Mim mesmo o fizestes» (Mt 25,40).

São João, na sua primeira carta, diz: «Se alguém disser: “Eu amo a Deus”, mas odiar a seu irmão, é mentiroso, pois quem não ama a seu irmão que vê, como pode amar a Deus, que não vê?» (1 Jo 4,20). O amor a Deus e o amor ao próximo são inseparáveis e comprometem-se reciprocamente, isto é, quanto maior o nosso amor por Deus maior deve ser o nosso amor pelos irmãos e quanto maior o nosso amor pelos irmãos maior deve ser o nosso amor por Deus.

Deus é amor, sendo um único Deus são três pessoas permanentemente em relação de caridade; também a Igreja deve ser um reflexo desta caridade de Deus, para com toda a humanidade, particularmente para com os mais necessitados, conforme o testemunho e o ensinamento de Jesus Cristo.

Deus Pai, por amor da humanidade, enviou o Filho unigénito ao mundo; o Filho deu a sua vida por amor ao Pai e à humanidade, cumprindo assim o desígnio do amor de Deus. O Espírito Santo, testemunha o amor do Pai pelo Filho e do Filho pelo Pai, faz da humanidade uma única família em Jesus Cristo⁵⁶.

A Igreja, fundada por Jesus Cristo e assistida pelo Espírito Santo, tem por missão continuar na terra a ação de Jesus Cristo: servir a humanidade. Para além da missão do anúncio da Boa Nova, a Igreja tem também de socorrer às necessidades e sofrimentos dos Homens e é este serviço da caridade que Bento XVI aborda e desenvolve na segunda parte desta sua Encíclica⁵⁷.

O amor ao próximo, isto é, a caridade tem como fundamento o amor a Deus e é um dever, não só para cada crente, mas também para toda a comunidade eclesial, a todos os

⁵⁶ Cf. BENEDICTUS XVI, *Deus Caritas Est*, 19.

⁵⁷ Cf. *Ibidem*, 20.

níveis, não só na Igreja particular como também na Igreja universal e, por esse motivo, deve ser devidamente organizada.

Na comunidade de Jerusalém, como narra Lucas no Livro dos Atos dos Apóstolos, o serviço da caridade tem *relevância constitutiva* na Igreja. «Todos os crentes viviam unidos e possuíam tudo em comum. Vendiam terras e outros bens e distribuíam o dinheiro por todos, de acordo com as necessidades de cada um» (Act 2,44-45).

Para haver uma verdadeira comunidade terá que haver, necessariamente, comunhão e nas primeiras comunidades cristãs esta não era só ao nível espiritual mas também a nível material. Para haver uma verdadeira comunidade, a comunhão terá que necessariamente, abranger as duas dimensões.

Lucas refere os seguintes elementos constitutivos da comunidade Cristã: adesão ao *ensino dos Apóstolos, comunhão, fração do pão e orações* (cf. Act 2,42).

Desde os primórdios do Cristianismo que a Igreja sentiu a exigência de organizar a caridade, através do serviço diaconal, que era um serviço, não somente das necessidades materiais, mas também espirituais; os diáconos deveriam ajudar os Apóstolos, que por sua vez, tinham por missão funções mais relacionadas com a liturgia e o ensino.

Podemos rapidamente concluir que a Igreja tem um único agir que se expressa num tríplice dever: anúncio da Palavra de Deus (*kerygma-martyria*), celebração dos Sacramentos (*leiturgia*), serviço da caridade (*diakonia*)⁵⁸. Por outro lado, a Igreja é a família de Deus no mundo. Nesta família, não deve haver ninguém que sofra por falta do necessário⁵⁹.

No século XIX, com o aparecimento da sociedade industrial, desagregaram-se as antigas estruturas sociais e passou a existir um novo poder com base no capital e nas estruturas produtivas. Isto provocou uma mudança na composição da sociedade, em que as grandes massas de assalariados ficaram privadas dos seus direitos.

⁵⁸ Cf. BENEDICTUS XVI, *Deus Caritas Est*, 20.

⁵⁹ Cf. *Ibidem*.

O Marxismo opôs-se à atividade da caridade da Igreja, porque - defendia - era necessário criar uma ordem justa na qual todos receberiam a sua respetiva parte de bens da terra e, portanto, não teriam necessidade de obras de caridade, mas de justiça.

Não é da competência prioritária da Igreja a prossecução de uma ordem justa da sociedade, mas sim do Estado que deve criar estruturas sociais mais justas. A Igreja, contudo, não se pode alhear da sua responsabilidade que é de procurar o bem do ser humano conforme os valores evangélicos.

No diálogo com os problemas do seu tempo e com o desenvolvimento da teologia, a Igreja foi progressivamente desenvolvendo o seu pensamento sobre estas questões e, desta forma, foi surgindo a *doutrina social*. Os sumos pontífices foram criando documentos onde se procurava, à luz dos valores evangélicos, uma ordem mais justa. Os principais documentos pontifícios foram: em 1891, a *Rerum novarum*, de Leão XIII; em 1931, a *Quadragesimo anno*, de Pio XI; em 1961, a *Mater et Magistra*, de João XXIII; em 1967, a *Populorum Progressio* e, em 1971, a *Octagesima adveniens*, ambas de Paulo VI, e, ainda, em 1981 a *Laborem exercens*, em 1987 a *Sollicitudo rei socialis* e em 1991 a *Centesimus annus*, de João Paulo II⁶⁰.

A Igreja tem o dever, através da formação ética, de purificar a razão de modo a possibilitar uma maior justiça nas diferentes estruturas sociais. Por mais justa que seja a sociedade, haverá sempre necessidade de um serviço organizado da caridade, por parte da Igreja, porque o ser humano tem uma dupla dimensão: material e espiritual. É por isso que o serviço do amor nunca poderá ser considerado supérfluo. O ser humano, para além da justiça, terá sempre necessidade de amor.

Hoje, o mundo globalizado pelos meios de comunicação, possibilita uma maior partilha das necessidades e do serviço da caridade, sobretudo por parte daqueles povos que são mais atormentados por todo o tipo de necessidades, quer materiais quer espirituais.

⁶⁰ Cf. BENEDICTUS XVI, *Deus Caritas Est*, 27.

«Os meios de comunicação de massa tornaram hoje o nosso planeta mais pequeno»⁶¹.

Surge um verdadeiro humanismo, que reconhece no ser humano a imagem de Deus e quer ajudá-lo a levar uma vida conforme a esta dignidade.

«Entre os sinais do nosso tempo, é digno de especial menção o crescente e inelutável sentido de solidariedade entre todos os povos»⁶². De facto, surgem muitas e diversas formas de voluntariado, que Bento XVI considera como sendo uma escola de vida para os jovens, contrariando a cultura de morte dos nossos dias, por exemplo o uso da droga; desta forma os jovens aprendem a dar-se a si próprios ao outro⁶³.

O aumento de organizações que se dedicam às várias necessidades do ser humano, deve-se a dois fatores: por um lado, o imperativo do amor ao próximo ter sido inscrito pelo Criador na própria natureza do ser humano e, por outro, pela presença no mundo do cristianismo que incentiva permanentemente a este imperativo.

A essência da caridade cristã está no modelo oferecido pela parábola do bom Samaritano, e que a Igreja tão bem expressa nas chamadas obras de misericórdia. A caridade é constituída pela satisfação das necessidades imediatas: os famintos devem ser saciados, os nus vestidos, os doentes tratados, os presos visitados, etc.

Todas as instituições caritativas da Igreja devem distinguir-se, não só pela competência profissional, como também pelas atenções sugeridas pelo coração, de tal modo que, para além da formação profissional, requer-se também e, sobretudo, *formação do coração*.

A atividade caritativa cristã deve estar ao serviço dos valores evangélicos e, conseqüentemente, deve ser um amor gratuito, livre de qualquer tipo de proselitismo e independente de partidos ou de ideologias do melhoramento do mundo⁶⁴.

⁶¹ BENEDICTUS XVI, *Deus Caritas Est*, 30.

⁶² SACROSANCTUM CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, *Decretum de Apostolatu Laicorum*, in *Acta Apostolicae Sedis*, vol. 58 (1966), 14.

⁶³ Cf. BENEDICTUS XVI, *Deus Caritas Est*, 30.

⁶⁴ Cf. *Ibidem*, 33.

«A Igreja enquanto família de Deus, deve ser, hoje como ontem, um espaço de ajuda recíproca e simultaneamente um espaço de disponibilidade para servir mesmo aqueles que, fora dela, têm necessidade de ajuda»⁶⁵. Esta ajuda deve acontecer a todos os níveis da Igreja, pelas estruturas paroquiais, diocesanas e mesmo a Igreja universal.

O *Diretório para o ministério pastoral dos Bispos* aprofundou o dever da caridade como tarefa intrínseca da Igreja inteira e do Bispo na sua diocese, sublinhando que a prática da caridade é um ato da Igreja enquanto tal e que também ela, a par do serviço da Palavra e dos Sacramentos, faz parte da essência da sua missão originária⁶⁶.

O Papa Paulo VI instituiu o Pontifício Conselho *Cor Unum* como instância da Santa Sé responsável pela orientação e organização das atividades caritativas promovidas pela Igreja.

A *Magna Carta* de todo o serviço eclesial deve ser o hino da caridade de São Paulo (1 Cor 13) e essa prática deve resultar do encontro amoroso com Jesus Cristo, onde a pessoa que serve aprende a dar-se a si mesma como dom de amor aos seus irmãos necessitados.

O Santo Padre diz: «É Deus quem governa o mundo, não nós»⁶⁷, por isso, tudo é graça de Deus: servir e ser servido. Devemos ser humildes e nunca desanimarmos, porque em todas as situações podemos aprender a crescer na confiança em Deus.

Diz a Beata Teresa de Calcutá aos seus colaboradores «Nós precisamos desta união íntima com Deus na nossa vida quotidiana. E como poderemos obtê-la? Através da oração»⁶⁸, é através dessa relação íntima com Deus que depois se deve operar o serviço da caridade.

Por vezes, os Homens pensam que Deus se encontra distante ou então é indiferente ao sofrimento humano; também Jesus Cristo na cruz gritou: «Meu Deus, meu Deus, porque Me abandonaste?» (Mt 27,46). Na realidade os Seus desígnios são insondáveis para a mente humana; o verdadeiro crente não duvida da vontade amorosa de Deus.

⁶⁵ BENEDICTUS XVI, *Deus Caritas Est*, 32.

⁶⁶ Cf. *Ibidem*.

⁶⁷ *Ibidem*, 35.

⁶⁸ *Ibidem*.

No número trinta e nove da encíclica, o Sumo Pontífice faz uma breve síntese da importância das três virtudes teologais para a vida do cristão, que simultaneamente poderia ser uma breve introdução às suas três encíclicas em conjunto.

A fé mostra-nos que Deus entregou o seu Filho por nós, e revela-se no coração trespassado de Jesus na cruz. Temos a esperança que nos leva a aceitar o mistério de Deus e a confiar n'Ele, mesmo na escuridão.

O Santo Padre termina este número dizendo que a encíclica é um convite a todos os Homens, criados à imagem de Deus, a viverem o amor e, deste modo fazer entrar a luz de Deus no mundo.

Na conclusão da encíclica, Bento XVI diz que os Santos são os modelos insígnies da caridade. Ao longo da história, a caridade foi especialmente praticada: inicialmente, com os monges, depois, com as ordens mendicantes e, posteriormente, com os institutos religiosos; por fim, diz que «Os Santos são os verdadeiros portadores de luz dentro da história, porque são homens e mulheres de fé, esperança e caridade»⁶⁹.

No penúltimo número do documento, o Papa diz que «entre os Santos, sobressai Maria, Mãe do Senhor e espelho de toda a santidade» e continua dizendo que «Maria é grande, precisamente porque não quer fazer-Se grande a Si mesma, mas engrandecer a Deus»; por isso, Ela é humilde: é a serva do Senhor (cf. Lc 1,38-48).

Maria é a mulher, por excelência, das três virtudes teologais: fé, esperança e caridade. A sua vida está em sintonia com a vontade de Deus e os seus pensamentos em sintonia com a Palavra de Deus.

No momento da crucifixão, Jesus diz ao discípulo amado: «Eis aí a tua mãe» (Jo19,27) e, a partir desse momento, Maria passa a ser a Mãe de todos os crentes, que em todos tempos e lugares, Lhe confiam suas necessidades e esperanças, suas alegrias e sofrimentos.

⁶⁹ BENEDICTUS XVI, *Deus Caritas Est*, 40.

Bento XVI Continua dizendo que quem caminha para Deus não se afasta dos Homens e que em ninguém vemos melhor isto, do que, em Maria, por isso, a Ela confiamos a Igreja, na sua missão ao serviço do amor⁷⁰.

3. Reflexão crítica

O que é o amor para os Homens dos nossos tempos e para o cristianismo, expresso na doutrina da Igreja através do magistério, e concretamente para Bento XVI?

Os autores do *Guia para o estudo e aplicação da Encíclica “Deus é Amor”* fazem a seguinte interpelação para todos Cristãos: «que se passaria se nós acreditássemos realmente que “Deus é amor”, como lemos na primeira carta de S. João? – depois afirmam - Da imagem que tivermos de Deus depende a ideia que teremos da pessoa humana e o nosso compromisso na Igreja e no mundo»⁷¹.

Na realidade, sabemos que, numa sociedade em que parece que para o ser humano não há limites nos seus comportamentos éticos, porque tudo se pode justificar e tudo é permitido, nesta sociedade relativista e subjetivista há uma enorme disparidade. Há imensos atropelos aos valores cristãos e, como tal, à dignidade humana. Atente-se nos casos da legalização do direito ao aborto, o igualizar o casamento heterossexual aos casamentos entre pessoas do mesmo sexo, pervertendo a natureza humana...

Em termos financeiros, as uniões de facto e/ou os divorciados pagam menos impostos de IRS, do que se estivessem casados, sendo, assim, penalizadas as famílias que têm como base o casamento canónico ou civil.

Para confrontar aqueles que veem um retrocesso em qualquer palavra da Igreja, Bento XVI diz que a Igreja não «rejeitou de modo algum o *eros* enquanto tal, mas declarou guerra à

⁷⁰ Cf. BENEDICTUS XVI, *Deus Caritas Est*, 42.

⁷¹ BENTO XVI, *Guia para o estudo e aplicação da encíclica “Deus é Amor”*, Editora Paulinas, Prior Velho, 2007, p. 9.

sua subversão devastadora, porque a falsa divinização do *eros*, como aí se verifica, priva-o da sua dignidade, desumaniza-o»⁷². Mais à frente continua afirmando que «Fica assim claro que o *eros* necessita de disciplina, de purificação para dar ao homem, não o prazer de um instante, mas uma certa amostra do vértice da existência, daquela beatitude para que tende todo o nosso ser»⁷³.

Não há dúvida que o ser humano tem necessidade de valores que orientem o comportamento da sua vida afetiva para evitar a propensão a que está sujeito, pois, segundo a carta encíclica, o «*eros* degradado a puro “sexo” torna-se mercadoria, uma “coisa” que se pode comprar e vender; mais, o próprio ser humano torna-se mercadoria. Na realidade, para o ser humano, isto não constitui propriamente uma grande afirmação do seu corpo. Pelo contrário, agora considera o corpo e a sexualidade como a parte meramente material de si mesmo a usar e explorar com proveito»⁷⁴.

Ora o significado de *eros* não pode nunca ser diferente de um ato de bondade de Deus para com as criaturas, que as fez à Sua imagem e semelhança. Este amor não pode nunca ser entendido como vontade e satisfação exclusivamente de um, mas como uma reciprocidade, de vontade e satisfação.

É nesta extensão do amor de um ao outro, é nesta reciprocidade de amores que o *eros* se transforma em *ágape*. E se a prática do verdadeiro amor, proporcionado pela *ágape*, sair do âmbito da família e transbordar para o da sociedade, teremos uma prática amorosa totalmente abrangente. E é isso que nos é pedido na segunda parte da Encíclica, toda ela dedicada ao amor ao próximo.

A oportunidade deste texto papal obriga à reflexão dos que, numa interpretação errada dos textos do Antigo Testamento, veem Deus associado a ações de violência, de vingança e de ódio.

⁷² BENEDICTUS XVI, *Deus Caritas Est*, 4.

⁷³ *Ibidem*.

⁷⁴ *Ibidem*, 5.

Para Bento XVI, tal interpretação está em clara oposição ao que pensa e escreve o evangelista João: «Deus é amor; quem permanece no amor permanece em Deus, e Deus nele» (1 Jo 4, 16).

É baseada nesta passagem do texto joanino que se inicia a primeira Encíclica de Bento XVI, querendo significar que o amor faz parte da essência de Deus e, como tal, deverá ser o centro de toda a fé cristã.

Por isso, Bento XVI chama a atenção de todos os fiéis, qualquer que seja a sua função na comunidade eclesial, para a obrigação de exercerem a caridade em relação a Deus Pai, a Deus Filho e a Deus Espírito Santo. As palavras do Papa apenas vêm reforçar a doutrina da Igreja desde os seus inícios.

Já o livro dos *Atos dos Apóstolos* (2,42) fala de uma comunidade modelo de cristãos que viviam em união fraterna. «Todos os crentes viviam unidos e possuíam tudo em comum. Vendiam terras e outros bens e distribuíam o dinheiro por todos, de acordo com as necessidades de cada um» (Act 2, 44).

A importância do amor ao próximo era tal que se achou necessário criar um serviço de *diaconado* com funções de assistência espiritual e socio caritativa.

Sabemos da obrigatoriedade do Estado ser o primeiro responsável na resolução de problemas de âmbito social. Mas o contributo da Igreja supera estas necessidades primárias da fome e da saúde; só a Igreja, com a sua prática cristã, pode ajudar o ser humano em todas as suas dimensões porque, para além das questões sociais, pode atender a problemas de ordem espiritual.

É para responder a estas necessidades que a Igreja tem ao seu serviço imensas equipas de voluntários que, ultrapassando as fronteiras do nosso pequeno território, partem para terras inhóspitas, atendendo a necessidades de toda a ordem e anunciando o Evangelho.

É necessário que a ação caritativa da Igreja não se desvie da sua verdadeira identidade, deixando de ser apenas mais uma das organizações assistenciais, estas também com ideais

próprios. A ação caritativa da Igreja deve ter sempre presente uma experiência de um encontro com Cristo.

No entanto, segundo os autores do guia supra mencionado, «o que mais chamou a atenção dos jornalistas foi a reflexão do Vigário de Cristo acerca do amor físico – o *eros* – e a sua afirmação de que este amor deve e pode integrar-se no ágape, que é o amor espiritual, no seu sentido mais profundo de entrega total. Neste sentido, o Papa faz uma afirmação profética»⁷⁵.

⁷⁵ BENTO XVI, *Guia para o estudo e aplicação da encíclica “Deus é Amor”*, Editora Paulinas, Prior Velho, 2007, p. 12.

CAPÍTULO III – «SPE SALVI» - A ESPERANÇA CRISTÃ

Desenvolverei, neste capítulo, um estudo da encíclica *Spe Salvi*. Num primeiro momento abordarei aspetos relacionados com a forma, isto é, alguns dados fundamentais do documento; num segundo momento, explanarei os conteúdos mais significativos e, posteriormente, elaborarei uma reflexão crítica sobre a encíclica.

1. Forma

A encíclica *Spe Salvi*, isto é, *Salvos na Esperança*, é a segunda encíclica de Bento XVI e foi publicada em 30 de novembro de 2007.

A encíclica tem uma introdução, sete capítulos e uma conclusão dedicada a Maria, estrela da esperança.

Distribui-se ao longo de 50 números, agrupados do seguinte modo:

- *Introdução* (1)
- *Fé e esperança* (2 – 3). Neste primeiro capítulo pronuncia-se sobre a fé e a esperança e da ligação que, necessariamente, deve existir entre elas.
- *O conceito de esperança baseada sobre a fé no Novo Testamento e na Igreja primitiva* (4 – 9). Fala do exemplo da escrava africana Bakhita que alimentou sempre uma esperança de encontrar o seu *Patrão*, o que acabou por acontecer. O caso de Bakhita é semelhante a tantos outros do tempo atual.
- *A vida eterna – o que é?* (10 – 12). Fala do difícil entendimento da vida eterna que só pode ser alcançada pela esperança.
- *A esperança cristã é individualista?* (13 – 15). Aborda a necessidade de uma esperança comunitária que deve sobrepor-se a uma esperança individualista.

- *A transformação da fé-esperança cristã no tempo moderno* (16 – 23). Trata da necessidade da esperança para que a fé se torne esclarecida e atrativa.
- *A verdadeira fisionomia da esperança cristã* (24 – 31). Fala das características únicas que identificam a esperança cristã.
- «*Lugares*» *de aprendizagem e de exercício da esperança* (32 – 48). Refere três pontos principais:
 - *A oração como escola da esperança* (32 – 34). A importância da oração para alcançar a esperança.
 - *Agir e sofrer como lugares de aprendizagem da esperança* (35 – 40). Das contrariedades terrenas que surgem para chegarmos à plenitude da esperança.
 - *O Juízo como lugar de aprendizagem e de exercício da esperança* (41-48). Um novo entendimento da escatologia.
- *Maria, estrela da esperança* (49 – 50). Finalmente, fala da inevitável importância de Maria como caminho para Cristo.

Feito este pequeno resumo, podemos ainda dizer que a Encíclica está escrita em latim e traduzida em português; é dirigida «aos Bispos, aos Presbíteros e aos Diáconos, às pessoas consagradas e a todos os fiéis leigos - e fala sobre - a esperança cristã»⁷⁶.

Surge na sequência e com profunda ligação à Encíclica *Deus Caritas Est* como a significar os dois tempos da fé: o presente, praticado pela caridade; o futuro, assente na esperança que salva.

A experiência pedagógica de mestre em teologia e filosofia de Bento XVI está bem refletida neste documento, tal como o aspeto metodológico que foi elaborado. A par do aspeto pedagógico aborda, com muita profundidade, o sentido escatológico da esperança.

A sua perceção nem sempre é fácil, principalmente quando reflete sobre temas filosóficos como, por exemplo, as duas espécies de substâncias «*hipostasis e hyparchonta*»⁷⁷.

⁷⁶ BENEDICTUS XVI, *Spe Salvi*, subtítulo.

Utiliza, com frequência, citações sem que isso lhe cause qualquer complexo de insuficiência de saber. Cita grandes filósofos como Kant, e grandes teólogos como S. Tomás de Aquino. Refere-se também, com alguma frequência, ao Catecismo da Igreja Católica o que abona a atualidade deste documento, ao mesmo tempo que se recorre aos testemunhos de santos e de leigos cristãos.

2. Conteúdo

Ao contrário do que é costume, a *introdução* serve para justificar a doutrina de Bento XVI face aos problemas com que o mundo atual se debate. Lembra que, apesar de tudo, o nosso futuro deverá assentar numa esperança que ultrapasse as dificuldades que temos que vencer.

Depois, faz um enquadramento teológico da esperança cristã servindo-se de diversas passagens das Sagradas Escrituras e de testemunhos dos primeiros cristãos.

É, precisamente, com uma passagem de S. Paulo aos Romanos (Rm8,24), “*Spe salvi facti sumus*”, *é pela esperança que fomos salvos*, que começa esta segunda Encíclica de Bento XVI.

O primeiro capítulo, *Fé e Esperança*, lembra a estreita ligação que há entre fé e esperança e a necessidade de conhecer Deus para podermos receber a esperança.

Fala da importância da *esperança* na fé e constata que a fé é uma palavra mestra nas Sagradas Escrituras, a essência da vida cristã.

Apresenta a *fé* como sendo a «substância da esperança»⁷⁸, a solução para responder ao apelo de Deus para que o homem se salve.

⁷⁷ BENEDICTUS XVI, *Spe Salvi*, 9.

⁷⁸ *Ibidem*, 10.

O texto desenvolve uma reflexão sobre a importância que a esperança deve ter na vida de cada um de nós. Considera-a mesmo como imprescindível na vida presente. Fala-nos, ainda, da importância que a esperança tem na redenção.

Mas, querendo ser mais preciso, diz que a única esperança que nos pode salvar é a que nos vem de Deus e a que nos conduz a Deus, através de Jesus Cristo, tendo sempre presente Maria, mãe de Deus e paradigma como mãe da esperança.

O segundo capítulo, *o conceito de esperança baseada sobre a fé no Novo Testamento e na Igreja primitiva*, começa com uma abordagem a passagens das Sagradas Escrituras e dá um enfoque especial a testemunhos das primeiras comunidades cristãs apresentando o exemplo da escrava africana Bakhita que alimentou sempre uma esperança de encontrar o seu *Patrão*, o que acabou por acontecer. O caso de Bakhita é semelhante a tantos outros do tempo atual.

O terceiro capítulo trata da vida eterna: *a vida eterna, o que é?* A vida eterna não é uma sucessão contínua de dias de calendário, como diz o Papa. Podemos unicamente «conjeturar que a eternidade não seja uma sucessão contínua de dias do calendário, mas algo parecido com o instante repleto de satisfação, onde a totalidade nos abraça e nós abraçamos a totalidade. Seria o instante de mergulhar no oceano do amor infinito, no qual o tempo – o antes e o depois – já não existe»⁷⁹.

Interpela-nos se queremos, na realidade, uma vida eterna ou se preferimos a vida terrena, a ponto de cada vez mais esta se prolongar e de se tornar quase indesejável.

Aborda ainda o desejo paradoxal do homem atual de não querer morrer e, simultaneamente, querer a vida eterna. Bento XVI serve-se, para explicar este paradoxo, da carta de S. Agostinho a Proba, uma mulher apegada às coisas terrenas mas que também aspira à vida eterna.

⁷⁹ BENEDICTUS XVI, *Spe Salvi*, 12.

No capítulo quarto, *a esperança cristã é individualista?* Bento XVI fala da vida eterna, da salvação e da impossibilidade de alguém se salvar sozinho. A propósito desta matéria dizia o jesuíta Henri de Lubac, seguindo a doutrina dos Padres da Igreja, que «a salvação foi sempre considerada como uma realidade comunitária»⁸⁰.

Afirma o Papa que a acusação feita à doutrina da Igreja de apelo à salvação individual teve por base a ideia de que «os mosteiros eram vistos como lugares da fuga ao mundo e do subtrair-se à responsabilidade pelo mundo na procura da salvação»⁸¹.

Expõe também que a salvação comunitária «pressupõe o êxodo da prisão do próprio eu»⁸², para acolher o amor em todas as suas dimensões. Por conseguinte, tem a ver também com a edificação do mundo.

Diz, finalmente: «Como cristãos, não basta perguntarmo-nos: como posso salvar-me a mim mesmo? Deveremos antes perguntar-nos: o que posso fazer a fim de que os outros sejam salvos e nasça, também para eles, a estrela da esperança? Então terei feito também o máximo pela minha salvação pessoal»⁸³.

O quinto capítulo aborda *a transformação da fé-esperança cristã no tempo moderno*. O tempo moderno trouxe a ideia de que a esperança cristã deixaria de existir para dar lugar à fé no progresso. O teocentrismo dava lugar ao tecnocentrismo. As *teorias marxistas*, só preocupadas com a vida deste mundo, identificavam o paraíso terreno associado à «política pensada cientificamente»⁸⁴. O Papa lembra que o paraíso é liberdade e não só a razão. O ser humano, único ser capaz de controlar a sua liberdade, não pode subordinar esta à razão. O homem faz uso da sua liberdade quer para praticar o bem quer para praticar o mal. Porém, o homem ao tentar planear a sua liberdade está a destruí-la.

⁸⁰ BENEDICTUS XVI, *Spe Salvi*, 14.

⁸¹ *Ibidem*, 15.

⁸² *Ibidem*, 14.

⁸³ *Ibidem*, 48.

⁸⁴ *Ibidem*, 20.

Por fim o Papa chama atenção para que «o homem tem necessidade de Deus; de contrário, fica privado de esperança»⁸⁵, por isso, conclui que «a razão necessita da fé para chegar a ser totalmente ela própria: razão e fé precisam uma da outra para realizar a sua verdadeira natureza e missão»⁸⁶.

O capítulo sexto, *a verdadeira fisionomia da esperança cristã*, o nosso percurso é feito de pequenas e grandes esperanças, mas estas não são suficientes sem a grande esperança, que só pode ser Deus. Não um deus qualquer mas o Deus de Abraão, Isac, Jacob e Jesus Cristo.

No sétimo capítulo – “*Lugares*” de aprendizagem e de exercício da esperança, Bento XVI indica os três modos de aprender a esperança:

- I – *A oração como escola da esperança*

Começa pela oração que considera o lugar essencial para a aprendizagem da esperança. Diz mesmo que quando já ninguém nos ouve, está Deus para ouvir o que lhe queremos dizer. A oração torna-nos não só aptos para Deus como também para os Homens. Mas, como diz Bento XVI, a oração não deve ser só para pedir e muito menos para pedir coisas superficiais e efémeras no tempo e vazias no conteúdo.

Para que a nossa oração seja proveitosa precisamos de ter em atenção o que nos diz Bento XVI sobre a dimensão vertical e horizontal da oração: «Orar não significa sair da história e retirar-se para o canto privado da própria felicidade. O modo correto de rezar é um processo de purificação interior que nos torna aptos para Deus e, precisamente desta forma, aptos também para os homens»⁸⁷. As orações da Igreja e dos santos devem iluminar a nossa oração. Sobretudo a liturgia deve iluminar a nossa oração. Nela, o Senhor nos ensina a rezar de modo correto.

- II – *Agir e sofrer como lugares de aprendizagem da esperança*

⁸⁵ BENEDICTUS XVI, *Spe Salvi*, 23.

⁸⁶ *Ibidem*.

⁸⁷ *Ibidem*, 33.

Diz Bento XVI que «Tal como o agir, também o sofrimento faz parte da existência humana»⁸⁸. O principal lugar para que a esperança apareça e se desenvolva é o sofrimento. É mesmo um lugar privilegiado. Diz o Papa: «Não é o evitar o sofrimento, a fuga diante da dor, que cura o ser humano, mas a capacidade de aceitar a tribulação e nela amadurecer, de encontrar o seu sentido através da união com Cristo, que sofreu com infinito amor»⁸⁹.

A nossa esperança, a nossa grande esperança, deve ser aquela que não vacila nos momentos difíceis e essa só pode ser a que tem Deus como alicerce. Se assim não for a nossa esperança é apenas vã. Diz o Papa, a propósito do que nos vão dizendo as diversas correntes políticas e económicas, que: «Se não podemos esperar mais do que é realmente alcançável de cada vez e de quanto nos possam oferecer as autoridades políticas e económicas, a nossa vida arrisca-se a ficar bem depressa sem esperança»⁹⁰.

- III – *O Juízo como lugar de aprendizagem e de exercício da esperança*

O Juízo Final, para os crentes, torna-se motivo para que tenhamos uma grande esperança na nossa salvação. O Juízo Final é uma realidade futura e, talvez por isso, as pessoas vão-se preocupando sobre a maneira como se vão apresentar nesse momento e a diferença comportamental vai no sentido de melhorar a sua maneira de ser e com ela manter a esperança de uma salvação.

No capítulo oitavo é-nos apresentada *Maria, estrela da esperança*, não pode haver melhor exemplo de esperança. «As verdadeiras estrelas da nossa vida são as pessoas que souberam viver com retidão»⁹¹, e todos nós sabemos o quanto os crentes veem em Maria um exemplo de esperança.

⁸⁸ BENEDICTUS XVI, *Spe Salvi* 36.

⁸⁹ *Ibidem*, 37.

⁹⁰ *Ibidem*, 35.

⁹¹ *Ibidem*, 49.

3 – Reflexão crítica

Bento XVI fala da esperança cristã: das realidades eternas e do autêntico fundamento da fé cristã, o encontro com Deus vivo que vem a nós em Jesus Cristo.

A principal missão da Igreja é anunciar o Reino de Deus e os seus valores e, é por isso, que a Igreja, na sua pastoral, tem preocupações de ordem terrena mas sempre sem perder de vista os valores da vida eterna.

A verdadeira esperança está na vida bem-aventurada, e este é o maior desejo de todo o ser humano, a felicidade que será plena somente na vida eterna.

Em que consiste esta esperança? Qual o seu significado para que signifique *redenção*? E a resposta é-nos dada, logo no início, por Paulo, na sua carta aos Efésios (2,12) em que lhes lembra que antes do seu encontro com Cristo, os Efésios estavam sem esperança: «lembrai-vos de que nesse tempo estáveis sem Cristo, excluídos da cidadania de Israel e estranhos às alianças da promessa, sem esperança e sem Deus no mundo.» (Ef 2,12)

Daqui se parte para a necessidade de haver conhecimento de Deus para que haja esperança. Não o conhecimento de um deus qualquer, mas daquele que criou o ser humano à sua imagem e semelhança.

E porque se não pode dissociar esperança e fé, Bento XVI pergunta: «para nós, hoje a fé cristã é também uma esperança que transforma e sustenta a nossa vida?»⁹². Pergunta se a fé de que somos portadores é uma fé performativa, que corresponde realmente à verdadeira fé, ou se é apenas informativa, com características de volatilidade sempre desviada por novas informações que vão surgindo.

A salvação, para os que acreditam em Cristo, não surge como uma condição adquirida. Para a alcançar, temos de enfrentar um caminho cheio de contradições em que a nossa esperança na salvação, por vezes, vacila ao mais pequeno grau de dificuldade, tal como

⁹² BENEDICTUS XVI, *Spe Salvi*, 10.

aconteceu na história da salvação do Povo de Deus sempre que surgiram dificuldades no seu caminho para a terra prometida.

Temos oportunidade de, ao longo dos textos sagrados, encontrar imensos momentos de desânimo que deram origem a inícios de grande esperança. É, por exemplo, essa esperança que o salmista narra no salmo 130: *Cântico à Esperança*, «Do fundo do abismo clamo por ti, Senhor», «A minha alma volta-se para o Senhor, mais do que a sentinela para a aurora».

As incertezas e contradições do povo de Israel têm-se verificado no Povo de Deus, ao longo dos tempos. Os dias atuais são exemplo dessa perda de confiança no único Deus que nos pode salvar. O Homem atual, tal como disse Paulo aos Efésios, vive sem esperança e sem Deus, subordinado à sociedade do *nihilismo*. E não só os gentios. Os próprios batizados têm-se deixado arrastar por correntes ideológicas que apelam a uma vivência sem Deus, a uma vivência onde o homem assume o primado único da existência, tal como a idealizaram os filósofos do modernismo que assumiram seguir um humanismo ateu.

É urgente a necessidade de o Homem encontrar Deus, de modo que, desse encontro, resulte uma transformação da sua vida. Por outro lado, a falta de cultura religiosa pode alimentar uma forma de ateísmo próprio da sociedade atual. Diz João Paulo II: «Quantos batizados se tornaram estranhos a uma fé que talvez nunca os tenha verdadeiramente habituado, porque ninguém a ensinou bem a eles! Para se desenvolver, o germe da fé precisa ser alimentado com a palavra de Deus, com os sacramentos e com todo o ensinamento da Igreja, isto num clima de oração»⁹³.

A nossa sociedade vive no dilema daqueles que querem seguir Cristo, sem contudo saberem explicar a sua fé e os que não O querem seguir por entenderem que Ele não é preciso nas suas vidas. Nietzsche, com o seu dito *Deus morreu*, acaba por representar todos os que O mataram dentro do seu coração.

⁹³ http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1980/october/documents/hf_jp-ii_spe_19801010_evangelizzazione-ateismo_po.html, n° 9 (04.03.2012).

CAPÍTULO IV – «CARITAS IN VERITATE» - O DESENVOLVIMENTO HUMANO INTEGRAL NA CARIDADE E NA VERDADE

A Encíclica *Caritas in Veritate*, isto é, *a caridade na verdade*, é a terceira encíclica, de Bento XVI, foi publicada em 29 de Junho de 2009 e o tema é sobre o desenvolvimento humano integral.

Abordarei de seguida alguns aspetos relacionados com a forma, num segundo momento, explanarei os conteúdos mais significativos e posteriormente uma reflexão crítica da encíclica.

1. Forma

Bento XVI inicia a encíclica com uma introdução; de seguida desenvolve seis capítulos e finaliza com a conclusão. No total, a encíclica tem setenta e nove parágrafos distribuídos do modo seguinte:

- *Introdução* (1-9)
- *A mensagem da Populorum Progressio* (10-20)
- *O desenvolvimento humano no nosso tempo* (21-33)
- *Fraternidade, desenvolvimento económico e sociedade civil* (34-42)
- *Desenvolvimento dos povos, direitos e deveres, ambiente* (43-52)
- *A colaboração da família humana* (53-67)
- *O desenvolvimento dos povos e a técnica* (68-77)

- *Conclusão (78-79)*

Esta é a primeira encíclica social, da responsabilidade do Santo Padre Bento XVI, e é expressão da Doutrina Social da Igreja para os tempos atuais.

2. Conteúdo

- *Introdução (1-9)*

O Santo Padre começa por dizer que na contemporaneidade nos encontramos «num contexto social e cultural que relativiza a verdade»⁹⁴ e que, por esse motivo, há necessidade de que «verdade seja amada e testemunhada»⁹⁵.

Vivemos numa sociedade em vias de globalização que «atravessa momentos difíceis como os atuais»⁹⁶. Numa recessão económica planetária e num mundo em profundas alterações: sociais, económicas e políticas, por isso, este momento histórico, é um grande desafio para a Igreja.

Continuando, Bento XVI chama a atenção que, «sem verdade, cai-se numa visão empirista e céptica da vida»⁹⁷ e, citando São João (cf. Jo 8,32), refere que a verdade é a única que é garantia de liberdade, e dá possibilidade dum desenvolvimento humano integral; por outro lado, defende que, para a Igreja, esta missão ao serviço da verdade é irrenunciável⁹⁸.

Já na conclusão da encíclica, Bento XVI considera ainda que um «*humanismo que exclui Deus é um humanismo desumano*»⁹⁹.

- 1º capítulo - *A mensagem da Populorum Progressio (10-20)*

⁹⁴ BENEDICTUS XVI, *Caritas in Veritate*, 2.

⁹⁵ *Ibidem*, 5.

⁹⁶ *Ibidem*.

⁹⁷ *Ibidem*, 9.

⁹⁸ Cf. *Ibidem*.

⁹⁹ *Ibidem*, 78.

Bento XVI escreve este capítulo com base na encíclica de Paulo VI, *Populorum Progressio* de 1967, a sua mensagem é fundamentalmente de caridade e verdade, dentro da tradição da Doutrina Social da Igreja.

O problema central é o progresso e, como o contexto social e económico de 1967 é diferente do atual, o papa quis tratar do mesmo argumento mas considerando as problemáticas à luz do contexto atual.

Considera Paulo VI, no seu documento, que a Igreja procura promover o desenvolvimento integral do ser humano e a totalidade da pessoa em todas as suas dimensões; observa ainda que sem a perspetiva duma vida eterna, o progresso humano corre o risco de considerar o desenvolvimento só em termos do ter, não elevando o ser humano para *os bens mais altos*, o ser humano não se desenvolve apenas com as suas próprias forças, pode cair na presunção da *autossalvação*, para isso, é necessário uma visão transcendente da pessoa, que tem necessidade de Deus¹⁰⁰.

A *Populorum Progressio* conexas o magistério de Paulo VI com a exigência do evangelho, de construir uma sociedade com base na liberdade e na justiça, atenta que o desenvolvimento humano é o coração da mensagem social cristã e que a caridade é sua principal força¹⁰¹.

«O desenvolvimento humano integral supõe a liberdade responsável da pessoa e dos povos»¹⁰². Somente se houver liberdade, na verdade e na caridade, é que o desenvolvimento pode ser integralmente humano; a vocação ao progresso impele o ser humano a procurar: maior realização, maior conhecimento e maior posse de bens materiais e espirituais.

¹⁰⁰ Cf. BENEDICTUS XVI, *Caritas in Veritate*, 11.

¹⁰¹ Cf. *Ibidem*, 13.

¹⁰² *Ibidem*, 17.

Um progresso autêntico promove todos os Homens e o Homem todo, por isso o progresso só pode existir a partir de um «humanismo transcendente, que leva [o Homem] a atingir a sua maior plenitude: tal é a finalidade suprema do desenvolvimento pessoal»¹⁰³.

A razão consegue compreender que a igualdade entre os seres humanos é um valor universal, mas não consegue fundar a fraternidade, assim como «a sociedade cada vez mais globalizada torna-nos vizinhos, mas não nos faz irmãos»¹⁰⁴; a fraternidade tem origem numa vocação transcendental de Deus, que é Pai de todos os Homens e nos chama a viver como irmãos.

A *Populorum Progressio* sublinha repetidamente a *urgência das reformas*, para o progresso dos povos e defende que é necessário fazer avançar os atuais processos económicos e sociais para metas plenamente humanas.

- 2º capítulo - *O desenvolvimento humano no nosso tempo* (21-33)

Bento XVI diz que «Paulo VI tinha uma *visão articulada do desenvolvimento*»¹⁰⁵; para Paulo VI «o termo “desenvolvimento” queria indicar, antes de mais nada, o objetivo de fazer sair os povos da fome, da miséria, das doenças endémicas e do analfabetismo»¹⁰⁶. Ainda para Paulo VI, «isto significava, do ponto de vista económico, a sua participação (dos povos) ativa e em condições de igualdade no processo económico internacional; do ponto de vista social, a sua evolução para sociedades instruídas e solidárias; do ponto de vista político, a consolidação de regimes democráticos capazes de assegurar a liberdade e a paz»¹⁰⁷.

Uma economia onde o lucro é o único objetivo, torna-se fonte de profundas injustiças e cria assimetrias na sociedade aumentando o fosso entre os ricos e os pobres.

¹⁰³ PAULUS VI, *Litterae Encyclicae Populorum Progressio*, in *Acta Apostolicae Sedis*, vol. 59 (1967), 16

¹⁰⁴ BENEDICTUS XVI, *Caritas in Veritate*, 19.

¹⁰⁵ *Ibidem*, 21.

¹⁰⁶ *Ibidem*.

¹⁰⁷ *Ibidem*.

O Papa, considera que atualmente o quadro do desenvolvimento é *policêntrico*. Os atores e as causas, tanto do subdesenvolvimento como do desenvolvimento, são múltiplas, as culpas e os méritos são diferenciados. Infelizmente a corrupção e a ilegalidade estão presentes tanto no comportamento de sujeitos económicos e políticos dos países ricos, antigos e novos, como nos próprios países pobres¹⁰⁸.

No contexto histórico da *Populorum Progressio*, os estados tinham grande autonomia, porque os investimentos financeiros tinham uma circulação bastante limitada para o estrangeiro¹⁰⁹; «atualmente, o estado encontra-se na situação de ter de enfrentar as limitações que são impostas à sua soberania pelo novo contexto económico comercial e financeiro internacional, caracterizado nomeadamente por uma crescente mobilidade dos capitais financeiros e dos meios de produção materiais e imateriais»¹¹⁰.

Bento XVI afirma que «do ponto de vista social, os sistemas de segurança e previdência, já presentes em muitos países nos tempos de Paulo VI, sentem dificuldade, e poderão senti-la ainda mais no futuro, em alcançar os seus objetivos de verdadeira justiça social»¹¹¹. E continua: «a exclusão do trabalho por muito tempo ou então uma prolongada dependência da assistência pública ou privada corroem a liberdade e a criatividade da pessoa e as suas relações familiares e sociais, causando enormes sofrimentos a nível psicológico e espiritual»¹¹². Por fim, o Santo Padre diz que «queria recordar a todos, sobretudo aos governantes que estão empenhados a dar um perfil renovado aos sistemas económicos e sociais do mundo, que o *primeiro capital a preservar e valorizar é o Homem, a pessoa, na sua integridade*: “com efeito, o homem é o protagonista, o centro e o fim de toda a vida económico-social”»¹¹³.

¹⁰⁸ Cf. BENEDICTUS XVI, *Caritas in Veritate*, 22.

¹⁰⁹ Cf. *Ibidem*, 24.

¹¹⁰ *Ibidem*.

¹¹¹ *Ibidem*, 25.

¹¹² *Ibidem*.

¹¹³ *Ibidem*.

«No plano cultural, as diferenças, relativamente aos tempos de Paulo VI, são ainda mais acentuadas. Então, as culturas apresentavam-se bastante bem definidas e tinham maiores possibilidades para se defender das tentativas de homogeneização cultural. Hoje, cresceram notavelmente as possibilidades de *interação das culturas*, dando espaço a novas perspectivas de diálogo intercultural»¹¹⁴.

Faz notar o Sumo Pontífice que existem atualmente dois perigos: por um lado, um *ecletismo cultural* assumido muitas vezes sem discernimento; as culturas são simplesmente postas lado a lado e vistas como substancialmente equivalentes e intercambiáveis umas com as outras. Isto favorece a cedência a um relativismo que não ajuda o verdadeiro diálogo intercultural; Depois, temos o perigo oposto que é constituído pelo *nivelamento cultural* e a homogeneização dos comportamentos e estilos de vida¹¹⁵. Deste modo perde-se o significado profundo das suas respetivas culturas.

O Santo Padre considera que, em muitos países pobres, continua uma insegurança extrema de vida que deriva da carência de alimentação: *a fome* ceifa ainda inúmeras vítimas, por isso, é necessária a maturação duma consciência solidária que considere *a alimentação e o acesso à água como direitos universais de todos os seres humanos, sem distinções nem discriminações*¹¹⁶.

Mais à frente Bento XVI afirma:

«É importante pôr em evidência que o caminho da solidariedade com o desenvolvimento dos países pobres pode constituir um projeto de solução para a presente crise global, como homens políticos e responsáveis de instituições internacionais têm intuído nos últimos tempos. Sustentando, através de planos de financiamento inspirados pela solidariedade, os países economicamente pobres, para que provejam eles mesmos à satisfação das solicitações de bens de consumo e de desenvolvimento dos próprios cidadãos, é possível não apenas gerar verdadeiro crescimento económico mas também

¹¹⁴ BENEDICTUS XVI, *Caritas in Veritate*, 26.

¹¹⁵ Cf. *Ibidem*.

¹¹⁶ Cf. *Ibidem*, 27.

concorrer para sustentar as capacidades produtivas dos países ricos que correm o risco de ficar comprometidas pela crise»¹¹⁷.

O Papa considera que, para existir um verdadeiro progresso, terá que necessariamente haver: abertura à vida, contra uma mentalidade anti natalista que se vai generalizando cada vez mais; *liberdade religiosa*, que é constantemente ameaçada pelos fanatismos religiosos e também pela promoção programada da indiferença religiosa por parte de muitos políticos.

Por fim, Sua Santidade diz que «*Deus é o garante do verdadeiro desenvolvimento do homem*, já que, tendo-o criado à sua imagem, fundamenta de igual forma a sua dignidade transcendente e alimenta o seu anseio constitutivo de “ser mais”»¹¹⁸.

Para Bento XVI, a caridade não exclui o saber, antes o reclama, promove e anima a partir de dentro, por isso um verdadeiro desenvolvimento humano integral requer que nos empenhemos por *fazer interagir os diversos níveis do saber humano*, tendo em vista a promoção de um verdadeiro desenvolvimento dos povos. O saber nunca é obra apenas da inteligência, mas se, quer ser sapiência, capaz de orientar o Homem à luz dos princípios primeiros e dos seus fins últimos, deve ser “temperado” com o “sal” da caridade¹¹⁹.

O Bispo de Roma garante que «a excessiva fragmentação do saber, o isolamento das ciências humanas relativamente à metafísica, as dificuldades no diálogo entre as ciências e a teologia danificam não só o avanço do saber, mas também o desenvolvimento dos povos, porque, quando isso se verifica, fica obstaculizada a visão do bem completo do Homem nas várias dimensões que o caracterizam»¹²⁰.

O Papa defende que as grandes novidades que o quadro atual do desenvolvimento dos povos apresenta, exigem em muitos casos *novas soluções*; estas não-de ser procuradas conjuntamente no respeito das leis próprias de cada realidade e à luz duma visão integral do Homem, que espelhe os vários aspetos da pessoa humana, contemplada com o olhar purificado pela caridade. Descobrir-se-ão então singulares convergências e concretas

¹¹⁷ BENEDICTUS XVI, *Caritas in Veritate*, 27.

¹¹⁸ *Ibidem*, 29.

¹¹⁹ Cf. *Ibidem*, 30.

¹²⁰ *Ibidem*, 31.

possibilidades de solução, sem renunciar a qualquer componente fundamental da vida humana¹²¹.

O Sumo Pontífice confirma que apesar de ter passado mais de quarenta anos sobre a publicação da *Populorum Progressio*, o tema do *progresso* continua da máxima importância, particularmente agora com a crise económico-financeira em curso; ele assegura continuarem a existir muitas zonas do planeta em situação de miséria comparável à existente nos tempos de Paulo VI¹²².

A novidade principal dos nossos tempos foi a *explosão da interdependência mundial*, já conhecida comumente por globalização. Nascido no âmbito dos países economicamente desenvolvidos, este processo, por sua própria natureza, causou um envolvimento de todas as economias e foi o motor principal para a saída do subdesenvolvimento de regiões inteiras e, por si mesmo, constitui uma grande oportunidade¹²³.

O Santo Padre finaliza, afirmando: «contudo, sem a guia da caridade na verdade, este ímpeto mundial pode concorrer para criar riscos de danos até agora desconhecidos e de novas divisões na família humana. Por isso, a caridade e a verdade colocam diante de nós um compromisso inédito e criativo, sem dúvida muito vasto e complexo. Trata-se de *dilatar a razão e torná-la capaz de conhecer e orientar estas novas e imponentes dinâmicas*, animando-as na perspectiva daquela “civilização do amor”, cuja semente Deus colocou em todo o povo e cultura»¹²⁴.

- 3º capítulo - *Fraternidade, desenvolvimento económico e sociedade civil* (34 - 42)

¹²¹ Cf. BENEDICTUS XVI, *Caritas in Veritate*, 32.

¹²² Cf. *Ibidem*, 33.

¹²³ Cf. *Ibidem*.

¹²⁴ *Ibidem*.

«O ser humano está feito para o dom»¹²⁵ porque tem em si a presença de Deus, e esse facto ultrapassa o seu mérito. Esta evidência passa despercebida na mentalidade hodierna que se caracteriza por uma visão produtiva e utilitarista.

O Homem moderno comete graves erros sempre que se convence ser o único autor de si próprio, por isso, prefere ignorar Deus; identifica salvação com bem-estar material e social e ignora o mal que existe em si e que, por isso, tem repercussões na economia¹²⁶.

As reivindicações das pessoas das áreas da economia, da não interferência da moral na atividade económica, teve por consequência o espezinhar da liberdade do ser humano e criar situações de injustiças tendo, como desfecho, o eliminar da esperança cristã e o impedimento do desenvolvimento do Homem integral.

A verdade e a caridade são dom, e são superiores às nossas capacidades ou méritos. A verdade é encontrada pelo ser humano, não é produzida por ele e a caridade impõe-se ao ser humano, não nasce da sua inteligência¹²⁷.

A verdade na caridade unifica os Homens e leva à fraternidade, onde é necessário dar espaço à gratuidade para haver verdadeiro desenvolvimento económico, político e social¹²⁸.

O mercado é lugar de encontro entre pessoas, onde tem que existir uma relação de confiança, que leve à justiça comutativa, e permita uma relação de dar e receber. Sem a solidariedade e a confiança, que hoje veio a faltar, o mercado não cumpre com a sua função.

A *Populorum Progressio* de Paulo VI defende que a justiça é vantajosa para a economia e o desenvolvimento dos países pobres é vantajoso para os países ricos.

Dadas as considerações que temos vindo a mencionar, podemos concluir que a economia necessita de princípios morais e, que não pode simplesmente contar consigo própria para a persecução dos seus intentos¹²⁹.

¹²⁵ BENEDICTUS XVI, *Caritas in Veritate*, 34.

¹²⁶ Cf. *Ibidem*.

¹²⁷ Cf. *Ibidem*.

¹²⁸ Cf. *Ibidem*.

¹²⁹ Cf. *Ibidem*, 35.

A economia tem por «*finalidade a prossecução do bem comum*»¹³⁰, isto é, não se pode separar a economia da justiça, assim como não se pode separar o agir económico do agir político.

Temos que ter em consideração que não existe mercado, no sentido puro do seu conceito, assim como temos que ter em conta que o mercado pode ser mal utilizado, ou seja, pode ter referências meramente egoístas.

A Doutrina Social da Igreja defende que é possível viver, na atividade económica, relações verdadeiramente humanas, de solidariedade e de reciprocidade: «a área económica não é eticamente neutra nem de natureza desumana e antissocial. Pertence à atividade do homem; e, precisamente porque humana, deve ser eticamente estruturada e institucionalizada»¹³¹.

Por outro lado, o Papa considera que «nas relações comerciais, o princípio de gratuidade e a lógica do dom como expressão da fraternidade podem e devem encontrar lugar dentro da atividade económica normal. Isto é uma exigência do homem no tempo atual, mas também da própria razão económica. Trata-se de uma exigência simultaneamente da caridade e da verdade»¹³². E acrescenta: «A Doutrina Social da Igreja sempre defendeu que a justiça diz respeito a todas as fases da atividade económica, porque esta sempre tem a ver com o homem e com as suas exigências»¹³³. Porque a decisão económica tem consequências de carácter moral.

Na atualidade, porque vivemos o fenómeno da globalização, a atividade económica já não está no âmbito dos limites do território do país, por isso deve existir justiça desde do início do processo económico; é possível ao agir económico ter princípios diversos do puro lucro¹³⁴.

¹³⁰ BENEDICTUS XVI, *Caritas in Veritate*, 36.

¹³¹ *Ibidem*.

¹³² *Ibidem*.

¹³³ *Ibidem*, 37.

¹³⁴ Cf. *Ibidem*.

A atividade económica não pode prescindir da gratuidade porque Bento XVI considera que esta alimenta a justiça, a solidariedade e o bem comum. Sem a gratuidade não haveria justiça e é de suma importância que existam organizações com fins mutualistas e sociais, que vão para além da lógica do puro lucro¹³⁵.

«Na *Populorum Progressio*, Paulo VI defende um modelo económico capaz de incluir todos os povos (plano universal), para a promoção de um mundo mais humano. O progresso não deve ser um obstáculo ao desenvolvimento dos outros, bem pelo contrário, devem existir formas económicas solidárias que criem comunhão e, conseqüentemente, sociabilização.

Paulo VI alerta para o problema dos monopólios, criados pelo mercado conjuntamente com o estado, que tem por conseqüências o definhamento da solidariedade, por isso, é necessário que haja pessoas recetivas ao dom recíproco e à gratuidade¹³⁶.

Na atualidade, com a liberalização dos mercados de capitais, há graves riscos, não pode existir, como muito frequentemente acontece nos mercados de capitais, a única preocupação da remuneração dos capitais; investir tem sempre um significado moral. Para além da preocupação pelo económico, tem que haver respeito pelos direitos dos trabalhadores, fornecedores, clientes e procurar-se a sustentabilidade da empresa a longo prazo.

Paulo VI chama atenção para as deslocações de capital; os investimentos de capitais devem dar um contributo à sociedade local, onde esses capitais são gerados, para fortalecer o «sistema produtivo e social, fator imprescindível para um desenvolvimento estável»¹³⁷.

O sistema económico deve saber colocar-se ao serviço do bem comum, quer ao nível nacional, como ao nível mundial.

Bento XVI diz que é necessário a intervenção do estado para ajudar a encontrar soluções para a crise atual, particularmente nos países com mais dificuldades económicas ou com sistemas constitucionais débeis e que deve existir ajuda internacional, para que haja respeito pelos direitos humanos e para que as instituições sejam verdadeiramente

¹³⁵ Cf. BENEDICTUS XVI, *Caritas in Veritate*, 38.

¹³⁶ Cf. *Ibidem*, 39.

¹³⁷ *Ibidem*, 40.

democráticas. Com esse objetivo, para além dos sujeitos políticos, deve haver o contributo dos sujeitos dos âmbitos sociais e religiosos.

O atual Bispo de Roma defende «a articulação da autoridade política a nível local, nacional e internacional»¹³⁸ para poder orientar a globalização económica e evitar que se mine os alicerces da democracia¹³⁹.

O Santo Padre defende ainda que, guiados pela caridade e verdade, devemos ser protagonistas da globalização, de forma a favorecer a orientação cultural personalista e comunitária, aberta ao transcendente; se for bem gerida a globalização, temos múltiplas oportunidades de desenvolvimento e da mais justa distribuição das riquezas ao nível mundial; se, pelo contrário, a globalização for mal gerida, aumenta a pobreza e a desigualdade.

Por fim, o Papa diz que devem ser corrigidas as disfunções existentes internacionalmente, de modo a «orientar a globalização da humanidade em termos de relacionamento, comunhão e partilha»¹⁴⁰.

- 4º capítulo - *Desenvolvimento dos povos, direitos e deveres, ambiente* (43-52)

Num mundo de crise de valores éticos, de economia, de solidariedade, de deveres; de facto existe uma mentalidade muito difusa, de reivindicação com muita insistência dos direitos, mas sem as respetivas responsabilidades pelos seus deveres, na realidade as pessoas «tendem a alimentar a pretensão de que não devem nada a ninguém, a não ser a si mesmas»¹⁴¹.

É neste mundo com esta mentalidade que a solidariedade é particularmente importante e o Santo Padre começa este capítulo afirmando que a «A solidariedade universal é para nós não só um facto e um benefício, mas também um dever»¹⁴².

Nas sociedades não desenvolvidas, até os bens essenciais para a vida faltam: alimentos, água potável, instrução básica, cuidados médicos; enquanto, nas sociedades

¹³⁸ BENEDICTUS XVI, *Caritas in Veritate*, 41.

¹³⁹ Cf. *Ibidem*.

¹⁴⁰ *Ibidem*, 42.

¹⁴¹ *Ibidem*, 43.

¹⁴² PAULUS VI, *Populorum Progressio*, 17.

opulentas, há a reivindicação do direito ao supérfluo, se não mesmo à transgressão e ao vício¹⁴³.

Em relação à problemática do desenvolvimento, o Santo Padre afirma que «considerar o aumento da população como a primeira causa do subdesenvolvimento é errado, inclusive do ponto de vista económico»¹⁴⁴. Depois continua defendendo os valores relacionados com a vida e a família, denunciando os atentados contra os mesmos por parte de muitos estados e organismos internacionais.

Referindo-se aos valores éticos, Bento XVI assegura que a Doutrina Social da Igreja tem um contributo próprio e específico para dar, e que esse contributo se fundamenta na criação do Homem «à imagem de Deus» (Gn 1, 27) e defende que «*de facto, a economia tem necessidade da ética para o seu correto funcionamento; não de uma ética qualquer, mas de uma ética amiga da pessoa*»¹⁴⁵.

Na economia e, concretamente no mundo empresarial, para além dos dois tipos de organizações empresariais que se classificam, quanto à sua finalidade, por obter lucro ou não, existe uma tipologia intermédia que «é constituída por empresas tradicionais mas que subscrevem pactos de ajuda aos países atrasados, por fundações que são expressão de empresas individuais, por grupos de empresas que se propõem objetivos de utilidade social, pelo mundo diversificado dos sujeitos da chamada economia civil e de comunhão»¹⁴⁶.

Menciona o Santo Padre que, «nas *intervenções em prol do desenvolvimento*, há que salvaguardar o princípio da *centralidade da pessoa humana*, que é o sujeito que primariamente deve assumir o dever do desenvolvimento»¹⁴⁷. E que «a *cooperação internacional* precisa de pessoas que partilhem o processo de desenvolvimento económico e

¹⁴³ Cf. BENEDICTUS XVI, *Caritas in Veritate*, 43.

¹⁴⁴ *Ibidem*, 44.

¹⁴⁵ *Ibidem*, 45.

¹⁴⁶ *Ibidem*, 46.

¹⁴⁷ *Ibidem*, 47.

humano, através da solidariedade feita de presença, acompanhamento, formação e respeito»¹⁴⁸.

Em relação ao tema da ecologia, o Papa defende de que «o crente reconhece o resultado maravilhoso da intervenção criadora de Deus, de que o homem se pode responsabilmente servir para satisfazer as suas legítimas exigências — materiais e imateriais — no respeito dos equilíbrios intrínsecos da própria criação»¹⁴⁹; mas alerta para o perigo, de considerar-se «a natureza mais importante do que a própria pessoa humana. Esta posição induz a comportamentos neopagãos ou a um novo panteísmo»¹⁵⁰.

No que concerne aos recursos energéticos, Bento XVI, chama atenção para o açambarcamento das energias não renováveis por parte de alguns Estados, grupos de poder e empresas, e esse facto constitui um grave impedimento para o desenvolvimento dos países pobres. Por outro lado diz que as sociedades tecnicamente avançadas podem e devem diminuir o consumo energético, seja porque as atividades manufactureiras evoluem, seja porque entre os seus cidadãos reina maior sensibilidade ecológica¹⁵¹.

É responsabilidade de toda a comunidade internacional a defesa do meio ambiente, não só considerando o presente, mas também as gerações futuras; e que os custos económicos e sociais derivados do uso dos recursos ambientais comuns sejam suportados por quem deles usufrui¹⁵².

É importante perceber a maneira como o Homem trata o meio ambiente e isso, necessariamente, tem implicações no modo como ele se trata a si mesmo, por isso se deve fazer a uma séria revisão do seu estilo de vida que, em muitas partes do mundo, pende para o hedonismo e o consumismo, sem olhar aos danos que daí derivam¹⁵³.

¹⁴⁸ BENEDICTUS XVI, *Caritas in Veritate*, 47.

¹⁴⁹ *Ibidem*, 48.

¹⁵⁰ *Ibidem*.

¹⁵¹ Cf. *Ibidem*, 49.

¹⁵² Cf. *Ibidem*, 50.

¹⁵³ Cf. *Ibidem*, 51.

Finalmente, na conclusão do capítulo, o sumo pontífice afirma que a própria vocação ao desenvolvimento das pessoas e dos povos não se funda sobre a simples deliberação humana, mas está inscrita num plano que nos precede: a sua fonte última é Deus¹⁵⁴.

- 5º capítulo - *A colaboração da família humana (53-67)*

As relações humanas são um fator constitutivo do ser humano, por isso o Homem realiza-se na relação com as outras pessoas, partilhando as tristezas e as alegrias da vida, inserido numa comunidade.

Temos por paradigma dos relacionamentos o mistério da Santíssima Trindade. «A Trindade é absoluta unidade, enquanto as três Pessoas divinas são pura relação»¹⁵⁵.

O Santo Padre dá, como exemplo, o amor sacramental entre os esposos que os une espiritualmente a ponto de formarem *uma só carne*, apesar de serem duas pessoas. E continua dizendo que, de forma análoga, a verdade une os espíritos entre si e fá-los pensar em unísono, atraindo-os e unindo-os nela¹⁵⁶.

A revelação cristã sobre a unidade do género humano pressupõe *uma interpretação metafísica do humano na qual a relação seja elemento essencial*. Contudo, alerta Bento XVI que não faltam culturas de matiz religioso que não empenham o Homem na comunhão, mas isolam-no na busca do bem-estar individual, limitando-se a satisfazer os seus anseios psicológicos¹⁵⁷.

Considera ainda o Papa que o discernimento sobre o contributo das culturas e das religiões deverá basear-se no critério da caridade e da verdade; no entanto, por um lado, existem muitos que não o assumem plenamente e, por outro, o critério inerente a todo e qualquer desenvolvimento que deve aludir ao «homem todo e todos os homens» serve

¹⁵⁴ Cf. BENEDICTUS XVI, *Caritas in Veritate*, 52.

¹⁵⁵ *Ibidem*, 54.

¹⁵⁶ Cf. *Ibidem*.

¹⁵⁷ Cf. *Ibidem*, 55.

também para avaliar as culturas e as religiões. Na realidade o cristianismo, religião do *Deus de rosto humano*, traz em si mesmo tal critério¹⁵⁸.

A exclusão da religião do âmbito público e, na vertente oposta, o fundamentalismo religioso, impedem o encontro entre as pessoas e a sua colaboração para o progresso da humanidade. Perde-se também a possibilidade de um diálogo fecundo e de uma profícua colaboração entre a razão e a fé religiosa¹⁵⁹.

O Santo Padre defende que a *razão tem sempre necessidade de ser purificada pela fé* e que a *religião, por sua vez, precisa sempre de ser purificada pela razão*, para mostrar o seu autêntico rosto humano¹⁶⁰.

Na constituição pastoral *Gaudium et Spes*, os padres conciliares afirmam: «Tudo quanto existe sobre a terra deve ser ordenado em função do homem, como seu centro e seu termo: neste ponto existe um acordo quase geral entre crentes e não-crentes»¹⁶¹. Segundo os crentes, o mundo não é fruto do acaso nem da necessidade, mas de um projeto de Deus.

O *governo da globalização* põe o problema de um bem comum global a alcançar; mas tal autoridade deverá ser organizada de modo subsidiário e poliárquico; e simultaneamente o critério orientador para a colaboração fraterna de crentes e não-crentes é, sem dúvida, o *princípio de subsidiariedade* que é, antes de mais nada, uma ajuda à pessoa, na autonomia dos corpos intermédios e implica sempre finalidades emancipativas, porque favorece a liberdade e a participação enquanto assunção de responsabilidades¹⁶².

O princípio de subsidiariedade há-de ser mantido estritamente ligado com o princípio de solidariedade e vice-versa, porque, se a subsidiariedade sem a solidariedade decai no

¹⁵⁸ Cf. BENEDICTUS XVI, *Caritas in Veritate*, 55.

¹⁵⁹ Cf. *Ibidem*, 56.

¹⁶⁰ Cf. *Ibidem*.

¹⁶¹ SACROSANCTUM CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, *Constitutio Pastoralis Gaudium et Spes*, in *Acta Apostolicae Sedis*, vol. 58 (1966), 12.

¹⁶² Cf. BENEDICTUS XVI, *Caritas in Veritate*, 57.

particularismo social, a solidariedade sem a subsidiariedade decai no assistencialismo que humilha o sujeito necessitado¹⁶³.

No que se refere às *ajudas internacionais destinadas ao desenvolvimento*, o maior recurso a valorizar nos países que são assistidos no desenvolvimento é o recurso humano: este é o autêntico capital que se há-de fazer crescer para assegurar, aos países mais pobres, um verdadeiro futuro autónomo. No campo económico, a principal ajuda de que têm necessidade os países em vias de desenvolvimento é a de permitir e favorecer a progressiva inserção dos seus produtos nos mercados internacionais, tornando possível, assim, a sua plena participação na vida económica internacional. Reconhece o Santo Padre que um comércio internacional justo e equilibrado no campo agrícola pode trazer benefícios a todos, quer sejam países pobres ou ricos¹⁶⁴.

A *cooperação no desenvolvimento* não deve limitar-se à dimensão económica, mas há-de tornar-se uma grande *ocasião de encontro cultural e humano*. Em todas as culturas, há singulares e variadas convergências éticas que são expressão de uma mesma natureza humana querida pelo Criador e a que a sabedoria ética da humanidade chama lei natural, esta lei moral universal é um fundamento firme de todo o diálogo cultural, religioso e político e permite o multiforme pluralismo.

A fé cristã, que se encarna nas culturas transcendendo-as, pode ajudá-las a crescer na fraternização e solidariedade universais com benefício para o desenvolvimento comunitário e mundial¹⁶⁵.

O Santo Padre fala da questão do trabalho ou das condições dignas de trabalho, aquilo a que chama *trabalho decente* e interroga-se qual é o significado da palavra *decente* aplicada ao trabalho. Em seguida expõe aquilo que considera as condições necessárias para haver um *trabalho decente*:

¹⁶³ Cf. BENEDICTUS XVI, *Caritas in Veritate*, 58.

¹⁶⁴ Cf. *Ibidem*.

¹⁶⁵ Cf. *Ibidem*, 59.

«Significa um trabalho que, em cada sociedade, seja a expressão da dignidade essencial de todo o homem e mulher: um trabalho escolhido livremente, que associe eficazmente os trabalhadores, homens e mulheres, ao desenvolvimento da sua comunidade; um trabalho que, deste modo, permita aos trabalhadores serem respeitados sem qualquer discriminação; um trabalho que consinta satisfazer as necessidades das famílias e dar a escolaridade aos filhos, sem que estes sejam constringidos a trabalhar; um trabalho que permita aos trabalhadores organizarem-se livremente e fazerem ouvir a sua voz; um trabalho que deixe espaço suficiente para reencontrar as próprias raízes a nível pessoal familiar e espiritual; um trabalho que assegure aos trabalhadores aposentados uma condição decorosa»¹⁶⁶.

Relativamente às *finanças*, o Santo Padre considera que devem voltar a ser um *instrumento que tenha em vista a melhor produção de riqueza e o desenvolvimento e que*, por essa razão, devem ser utilizadas de modo ético a fim de criar as condições adequadas para o desenvolvimento do Homem e dos povos¹⁶⁷.

Alerta também para uma específica *responsabilidade social do consumidor*, que pode desempenhar no respeito dos princípios morais, sem diminuir a racionalidade económica intrínseca ao ato de comprar e observa que é útil favorecer formas novas de comercialização de produtos provenientes de áreas pobres da terra para garantir uma retribuição decente aos produtores¹⁶⁸.

Perante o crescimento incessante da interdependência mundial, o Papa defende a urgência de uma reforma quer da *Organização das Nações Unidas* quer da *arquitetura económica e financeira internacional*, para que seja possível uma real concretização do conceito de família de nações. Para a consecução do bem comum, *comprometer-se na realização de um autêntico desenvolvimento humano integral inspirado nos valores da caridade na verdade*¹⁶⁹.

Para o governo da economia mundial, revela-se necessário no âmbito de um ordenamento político, jurídico e económico que se incremente e guie a colaboração internacional para o desenvolvimento solidário de todos os povos. Para que tal aconteça é necessário atribuir, também às nações mais pobres, uma voz eficaz nas decisões comuns para

¹⁶⁶ BENEDICTUS XVI, *Caritas in Veritate*, 63.

¹⁶⁷ Cf. *Ibidem*, 65.

¹⁶⁸ Cf. *Ibidem*, 66.

¹⁶⁹ Cf. *Ibidem*, 67.

sanar as economias atingidas pela crise, de modo a prevenir o agravamento da mesma e, em consequência, evitar maiores desequilíbrios; para realizar um oportuno e integral desarmamento, a segurança alimentar e a paz; para garantir a salvaguarda do ambiente e para regulamentar os fluxos migratórios urge a presença de uma verdadeira *Autoridade política mundial*¹⁷⁰.

O desenvolvimento integral dos povos e a colaboração internacional exigem que seja instituído um grau superior de ordenamento internacional de tipo subsidiário para o governo da globalização e, que se dê finalmente atuação a uma ordem social conforme à ordem moral e àquela ligação entre esfera moral e social, entre política e esfera económica e civil que aparece já perspectivada no Estatuto das Nações Unidas¹⁷¹.

- 6º capítulo - *O desenvolvimento dos povos e a técnica* (68-77)

No início deste 6º capítulo, Bento XVI começa por dizer que, no Homem, a liberdade é originariamente caracterizada pelo nosso ser e pelos seus limites; ninguém plasma arbitrariamente a própria consciência; *o desenvolvimento da pessoa degrada-se, se ela pretende ser a única produtora de si mesma*, porque nós somos dom e não resultado de auto geração¹⁷².

Prossegue o papa patenteando que devemos robustecer o amor por uma liberdade não arbitrária, mas tornada verdadeiramente humana pelo reconhecimento do bem que a precede e, para tal, é preciso que o Homem reentre em si mesmo, para reconhecer as normas fundamentais da lei moral natural, que Deus inscreveu no seu coração¹⁷³.

O Santo Padre reconhece que o problema do desenvolvimento está estreitamente unido com o *progresso tecnológico*, por isso, afirma que *a técnica se insere no mandato de «cultivar e guardar a terra»* (Gn 2,15) que Deus confiou ao Homem e há-de ser orientada

¹⁷⁰ Cf. BENEDICTUS XVI, *Caritas in Veritate*, 67.

¹⁷¹ Cf. *Ibidem*.

¹⁷² Cf. *Ibidem*, 68.

¹⁷³ Cf. *Ibidem*.

para reforçar a aliança entre ser humano e o ambiente e em que se deve refletir o amor criador de Deus¹⁷⁴.

Continua alertando para a noção de que o desenvolvimento tecnológico pode induzir à ideia de autossuficiência da própria técnica e que, segundo os tecnicistas, usam como único critério da verdade, a eficiência e a utilidade, acabando, neste caso, o desenvolvimento automaticamente negado. Importa, por isso, recuperar o verdadeiro sentido da liberdade, que não consiste no inebriamento de uma autonomia total, mas na resposta ao apelo do ser, a começar pelo ser que somos nós mesmos¹⁷⁵.

Quando a questão do desenvolvimento é reduzida a um problema apenas técnico, isto é, frequentemente o desenvolvimento dos povos é considerado um problema de engenharia financeira, de abertura dos mercados, de redução das tarifas aduaneiras, de investimentos produtivos, de reformas institucionais, em suma, quando prevalece a absolutização da técnica, verifica-se uma confusão entre fins e meios e constata-se que *o desenvolvimento é impossível sem Homens retos, sem operadores económicos e Homens políticos que sintam intensamente em suas consciências o apelo do bem comum*; para isso, é necessário tanto a preparação profissional como a coerência moral¹⁷⁶.

O Santo Padre esclarece que, muitas das vezes, também a paz corre o risco de ser considerada como uma produção técnica, fruto apenas de acordos entre governos ou de iniciativas tendentes a assegurar ajudas económicas eficientes; atesta que, de certo modo, deve-se colocar em continuidade com o esforço anónimo de tantas pessoas, decididamente comprometidas a promover o encontro entre os povos e a favorecer o desenvolvimento, partindo do amor e da compreensão recíproca, e que, para que tais esforços possam produzir efeitos duradouros, é necessário que se apoiem sobre valores radicados na verdade da vida¹⁷⁷.

¹⁷⁴ Cf. BENEDICTUS XVI, *Caritas in Veritate*, 69.

¹⁷⁵ Cf. *Ibidem*, 71.

¹⁷⁶ Cf. *Ibidem*, 72.

¹⁷⁷ Cf. *Ibidem*.

Ligada ao desenvolvimento tecnológico está a crescente presença dos *meios de comunicação social* e torna-se necessária uma atenta reflexão sobre a sua influência principalmente na dimensão ético-cultural da globalização e do desenvolvimento solidário dos povos¹⁷⁸.

Reitera que é preciso que os *mass media* estejam centrados na promoção da dignidade das pessoas e dos povos, animados expressamente pela caridade e colocados ao serviço da verdade; na promoção do bem e da fraternidade natural e sobrenatural, e que podem constituir uma válida ajuda para fazer crescer a comunhão da família humana¹⁷⁹.

Adverte o Santo Padre que a *bioética* é hoje um campo primário e crucial da luta cultural entre o absolutismo da técnica e a responsabilidade moral do Homem, onde se joga radicalmente a própria possibilidade de um desenvolvimento humano integral¹⁸⁰.

Afirma ainda que a conceção racional da tecnologia centrada sobre si mesma se apresenta como irracional, porque implica uma decidida rejeição de sentido e de valor¹⁸¹, porque «*a razão sem a fé está destinada a perder-se na ilusão da própria onipotência, enquanto a fé sem a razão corre o risco do alheamento da vida concreta das pessoas*»¹⁸².

A razão e a fé colaboram para mostrar o bem, desde que o Homem o queira ver; a lei natural, na qual reluz a Razão criadora, indica a grandeza do Homem, mas também a sua miséria quando ele desconhece o apelo da verdade moral¹⁸³.

No contexto atual, a *questão social tornou-se radicalmente antropológica*, enquanto toca o próprio modo não só de conceber, mas também de manipular a vida; a fecundação *in vitro*, a pesquisa sobre os embriões, a possibilidade da clonagem e hibridação humana nascem

¹⁷⁸ Cf. BENEDICTUS XVI, *Caritas in Veritate*, 73.

¹⁷⁹ Cf. *Ibidem*.

¹⁸⁰ Cf. *Ibidem*, 74

¹⁸¹ Cf. *Ibidem*.

¹⁸² Cf. *Ibidem*.

¹⁸³ Cf. BENEDICTUS XVI, *Caritas in Veritate*, 75.

e promovem-se na atual cultura do desencanto total, que pensa ter desvendado todos os mistérios, porque já se chegou à raiz da vida¹⁸⁴.

Por detrás destes cenários encontram-se posições culturais que negam a dignidade humana, onde tais práticas estão destinadas a alimentar uma concepção material e mecanicista da vida humana. Os panoramas são inquietantes para o futuro do Homem e existem novos e poderosos instrumentos que a «cultura da morte» tem à sua disposição: desde a difusa e trágica chaga do aborto, ao sistema de planificação eugenética dos nascimentos, à eutanásia que, no domínio sobre a vida em certas condições, é considerada como não digna de ser vivida¹⁸⁵.

Longe de Deus, o Homem vive inquieto e está mal. A alienação social e psicológica e as inúmeras neuroses que caracterizam as sociedades opulentas devem-se também a causas de ordem espiritual; o vazio em que a alma se sente abandonada, embora no meio de tantas terapias para o corpo e para o psíquico, gera sofrimento, porque *além do crescimento material, o desenvolvimento deve incluir o espiritual*, porque a pessoa humana é «um ser uno, composto de alma e corpo»¹⁸⁶, nascido do amor criador de Deus e destinado a viver eternamente¹⁸⁷.

O absolutismo da técnica tende a produzir uma incapacidade de perceber aquilo que não se explica meramente pela matéria e, no entanto, todos os Homens experimentam os numerosos aspetos imateriais e espirituais da sua vida. O Santo Padre dá três exemplos: o conhecimento, a verdade e o amor e afirma que não devemos jamais de cessar de maravilhar-nos diante destes prodígios¹⁸⁸.

A dimensão espiritual requer olhos novos e um coração novo, capaz de *superar a visão materialista dos acontecimentos humanos* e entrever no desenvolvimento um *mais além*

¹⁸⁴ Cf. BENEDICTUS XVI, *Caritas in Veritate*, 75.

¹⁸⁵ Cf. *Ibidem*.

¹⁸⁶ SACROSANCTUM CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, *Constitutio Pastoralis Gaudium et Spes*, in *Acta Apostolicae Sedis*, vol. 58 (1966), 14.

¹⁸⁷ Cf. BENEDICTUS XVI, *Caritas in Veritate*, 76.

¹⁸⁸ Cf. *Ibidem*, 77.

que a técnica não pode dar, e que por este caminho, será possível perseguir aquele desenvolvimento humano integral que tem o seu critério orientador na força propulsora da caridade na verdade¹⁸⁹.

- *Conclusão (78-79)*

Na conclusão da encíclica, o Santo Padre começa por afirmar que «sem Deus, o homem não sabe para onde ir e não consegue sequer compreender quem é»¹⁹⁰.

Bento XVI assevera que «perante os enormes problemas do desenvolvimento vem em nosso auxílio a palavra do Senhor Jesus Cristo que nos torna cientes deste dado fundamental: “Sem Mim, nada podeis fazer” (Jo 15, 5), e encoraja: “Eu estarei sempre convosco, até ao fim do mundo” (Mt 28, 20)»¹⁹¹.

Só um humanismo aberto ao Absoluto pode guiar-nos na promoção e realização de formas de vida social e civil preservando-nos do risco de cairmos prisioneiros das modas do momento. Por isso, a maior força ao serviço do desenvolvimento, é um *humanismo cristão* que reavive a caridade e que se deixe guiar pela verdade, acolhendo uma e outra como dom permanente de Deus¹⁹².

Um *humanismo que exclui Deus é um humanismo desumano*, porque a disponibilidade para Deus abre à disponibilidade para os irmãos e para uma vida entendida como tarefa solidária e jubilosa. Pelo contrário, a reclusão ideológica a Deus e o ateísmo da indiferença, que esquecem o Criador, correm o risco de esquecer também os valores humanos e contam-se hoje entre os maiores obstáculos ao desenvolvimento¹⁹³.

Legitima o Santo Padre que «o desenvolvimento tem necessidade de cristãos com os braços levantados para Deus em atitude de oração, cristãos movidos pela consciência de que

¹⁸⁹ Cf. BENEDICTUS XVI, *Caritas in Veritate*, 77.

¹⁹⁰ *Ibidem*, 78.

¹⁹¹ *Ibidem*.

¹⁹² Cf. *Ibidem*.

¹⁹³ Cf. *Ibidem*.

o amor cheio de verdade, — *caritas in veritate* —, do qual procede o desenvolvimento autêntico, não o produzimos nós, mas é-nos dado»¹⁹⁴.

E afirma que:

«A ânsia do cristão é que toda a família humana possa invocar a Deus como o “Pai nosso”. Juntamente com o Filho unigénito, possam todos os homens aprender a rezar ao Pai e a pedir-Lhe, com as palavras que o próprio Jesus nos ensinou, para O saber santificar vivendo segundo a sua vontade, e depois ter o pão necessário para cada dia, a compreensão e a generosidade com quem nos ofendeu, não ser postos à prova além das suas forças e ver-se livres do mal (cf. Mt6, 9-13)»¹⁹⁵.

Conclui o Santo Padre explicando: «que a Virgem Maria, proclamada por Paulo VI *Mater Ecclesiae* e honrada pelo povo cristão como *Speculum Iustitiae* e *Regina Pacis*, nos proteja e obtenha, com a sua intercessão celeste, a força, a esperança e a alegria necessárias para continuarmos a dedicar-nos com generosidade ao compromisso de realizar o “*desenvolvimento integral do homem todo e de todos os homens*”»¹⁹⁶.

3 – Reflexão crítica

Bento XVI, com esta encíclica, quer fazer notar a importância da caridade para haver uma verdadeira humanização. Nas circunstâncias históricas em que nos encontramos, a caridade não pode ser dissociada da verdade, tal como o Papa afirma no número quatro da encíclica:

«Um cristianismo de caridade sem verdade pode ser facilmente confundido com uma reserva de bons sentimentos, úteis para a convivência social mas marginais. Deste modo, deixaria de haver verdadeira e propriamente lugar para Deus no mundo. Sem a verdade, a caridade acaba confinada num âmbito restrito e carecido de relações; fica excluída dos projetos e processos de construção dum desenvolvimento humano de alcance universal, no diálogo entre o saber e a realização prática».

¹⁹⁴ BENEDICTUS XVI, *Caritas in Veritate*, 79.

¹⁹⁵ *Ibidem*.

¹⁹⁶ *Ibidem*.

Contudo, no mesmo número da encíclica, também desenvolve a importância da verdade para o bem da humanidade:

«Com efeito, a verdade é “logos” que cria “diá-logos” e, conseqüentemente, comunicação e comunhão. A verdade, fazendo sair os homens das opiniões e sensações subjetivas, permite-lhes ultrapassar determinações culturais e históricas para se encontrarem na avaliação do valor e substância das coisas. A verdade abre e une as inteligências no *lógos* do amor: tal é o anúncio e o testemunho cristão da caridade. No atual contexto social e cultural, em que aparece generalizada a tendência de relativizar a verdade, viver a caridade na verdade leva a compreender que a adesão aos valores do cristianismo é um elemento útil e mesmo indispensável para a construção duma boa sociedade e dum verdadeiro desenvolvimento humano integral» (nº 4).

Ao longo da encíclica, o Santo Padre pretende apresentar o tema do autêntico desenvolvimento, que deve beneficiar *todos os Homens*, orientado pela *justiça e bem comum*. Para isso, defende a reforma da *Organização das Nações Unidas (ONU)* e da arquitetura económica, num contexto mundial, que se caracteriza pela globalização, num período de recessão económica, onde ele afirma que se devem ajudar as economias atingidas pela crise para que não se agravem os desequilíbrios já existentes entre os países ricos e pobres. Por isso, propõe que se faça uma profunda reflexão sobre o sentido da economia e seus fins, e ainda que se faça uma revisão dos modelos de desenvolvimento.

O Papa fundamenta o seu pensamento na encíclica de Paulo VI, *Populorum Progressio* e na tradição da Igreja através da sua doutrina social, mas faz uma atualização para o nosso tempo.

Bento XVI assevera que a reforma da *Organização das Nações Unidas (ONU)* deve ser no sentido de se tornar verdadeira autoridade política global e que se deve reger pelos princípios da subsidiariedade e solidariedade.

A *Organização das Nações Unidas* deve resolver os problemas mundiais no que se refere ao governo da economia mundial, ao desarmamento, à segurança alimentar, à paz, à defesa do ambiente e à regulação dos fluxos migratórios.

O Santo Padre não pretende oferecer soluções económicas, mas orientações éticas, as quais devem ser amigas das pessoas, respeitando a vida e defendendo os mais pobres e desfavorecidos, numa época tão conturbada como esta em que nos encontramos.

Esta encíclica que é, sem dúvida, fruto do pensamento de um grande teólogo e filósofo, bem como da tradição da própria Igreja neste âmbito, a Igreja dá mais um passo importante no que se refere à sua doutrina social.

CONCLUSÃO

Este estudo sobre as encíclicas de Bento XVI foi para mim uma ocasião de penetrar no universo da sua sabedoria e nas problemáticas que estão na preocupação do Papa.

Este trabalho foi elaborado com muito gosto porque, à medida que avançava, ia descobrindo a riqueza dos textos, o que se tornou uma enorme fonte de sabedoria e me fortaleceu o desejo de continuar a refletir sobre eles, para me ir sentindo mais preparado para a missão que se abre diante de mim.

É evidente que este estudo é apenas uma pequena e limitada abordagem daquilo que é o pensamento do papa Bento XVI, expresso nas suas três primeiras encíclicas. Espero, porém, que seja o início de uma aventura que continuará ao longo dos próximos anos, porque o seu pensamento sendo muito rico, exige muito tempo para o poder saborear.

Comecei por ler as respectivas encíclicas, o que se tornou uma tarefa não muito fácil, por causa da densidade dos documentos. Documentos tão densos exigem muita reflexão para poder assimilar pelo menos aquilo que é central da mensagem.

Depois de ter lido os textos, e de acordo com os meus conhecimentos e sensibilidade, procurei fazer ressaltar aquilo que me parecia mais importante. Reconheço, porém, que a síntese que fui fazendo, de certo modo, empobreceu o texto, embora tenha sido uma tentativa de estudo e interpretação das respectivas encíclicas, que se me apresentou como o mais pertinente, tendo em conta os objetivos deste trabalho.

Esta dissertação foi feita, portanto, a partir das encíclicas e é, fundamentalmente, um trabalho de apresentação e síntese dessas mesmas encíclicas. Contudo, recorri também a outros livros, que se encontram referenciados ao longo do trabalho e na bibliografia final, a fim de obter outras informações complementares, mas sempre sem perder de vista o núcleo central que eram as próprias encíclicas.

Faço agora uma breve síntese conclusiva de cada encíclica, seguindo a ordem apresentada ao longo do trabalho.

Bento XVI, na encíclica *Deus Caritas Est (Deus é Amor)*, que é o primeiro documento solene do Papa, trata da fé em Deus que tem por essência o amor, centro da fé cristã.

A encíclica refere a importância do amor para percebermos quem é Deus e quem é o Homem, sendo Jesus Cristo o amor encarnado. O Cristianismo é, portanto, o encontro com a pessoa de Jesus, que dá um novo horizonte à vida humana, afirma o Santo Padre que, com esta encíclica, pretende «fazer entrar a luz de Deus no mundo»¹⁹⁷.

Na segunda encíclica, *Spe Salvi (Salvos na Esperança)*, o Papa reflete sobre a importância da esperança para a vida humana, afirmando que a verdadeira esperança é aquela que salva e que vem de Deus por meio de Jesus Cristo.

Para viver a vida presente é necessário a esperança na vida futura e sem essa esperança a vida presente torna-se absurda. Maria, sendo mãe de Deus feito Homem é apresentada como a mãe da esperança.

O Cristianismo é uma religião em que Deus é uma comunidade de amor e que, por esse motivo, é relação, mas essa relação para ser autêntica tem que ser de amor e na verdade.

A *Caritas in Veritate (Caridade na Verdade)*, a terceira encíclica do Papa, retrata o autêntico desenvolvimento humano, para os tempos atuais, baseando-se na *Populorum Progressio* e é, por isso, uma abordagem atual da Doutrina Social da Igreja.

Referindo-se às virtudes teologais, São Paulo escreve na primeira carta aos Coríntios: «Agora permanecem estas três coisas: a fé, a esperança e o amor (*ágape*)» (13,13). As virtudes teologais são as grandes menções que definem a nossa vida moral e constituem os verdadeiros valores espirituais da nossa vida cristã.

Falarei seguidamente destas três virtudes que são transversais aos três documentos. E começo por apresentar, sinteticamente, o que é a fé para a Igreja Católica.

¹⁹⁷ BENEDICTUS XVI, *Deus Caritas Est*, 39.

A fé em Deus que é amor, é a fé na «Trindade – Pai, Filho e Espírito Santo – equivale a crer num só Deus que é Amor (cf. 1 Jo 4, 8): o Pai que, na plenitude dos tempos, enviou seu Filho para a nossa salvação; Jesus Cristo, que redimiu o mundo no mistério da sua morte e ressurreição; o Espírito Santo, que guia a Igreja através dos séculos enquanto aguarda o regresso glorioso do Senhor»¹⁹⁸.

Na Exortação Apostólica Pós-sinodal, *A Palavra do Senhor*, Bento XVI exorta os Cristãos «a redescobrirem o encontro pessoal e comunitário com Cristo, Verbo da Vida que Se tornou visível, a fazerem-se seus anunciadores para que o dom da vida divina, a comunhão, se dilate cada vez mais pelo mundo inteiro. Com efeito, participar na vida de Deus, Trindade de Amor, é a alegria completa (cf. 1 Jo 1, 4). E é dom e dever imprescindível da Igreja comunicar a alegria que deriva do encontro com a Pessoa de Cristo, Palavra de Deus presente no meio de nós»¹⁹⁹.

Nós vivemos a alegria de que Deus por amor se fez criatura, deu a Sua vida para nos resgatar do mal, ressuscitou vencendo a morte e, por isso, também nós, segundo o Seu desígnio, viveremos eternamente na plenitude do Seu amor.

Nós cremos «na bondade de Deus, nosso Salvador, e no seu amor para com os homens» (Tt 3,4). Esta é, de facto, a fonte da nossa fé: «Deus é amor» (1 Jo 4,16).

A fé cristã, assente na fé do amor de Deus, impele-nos a amar a Deus e ao próximo, sendo o amor ao próximo o melhor testemunho que podemos dar de Deus-amor. É, por isso, que a fé só pode ser vivida de forma comunitária²⁰⁰.

Para nós, a fé cristã é uma esperança que transforma e sustenta a vida presente²⁰¹. Pela fé, cremos no Juízo final que é, primariamente e sobretudo, esperança a favor da fé na vida eterna²⁰² e julgamos que a atual crise da fé é, sobretudo, uma crise da esperança cristã²⁰³.

¹⁹⁸ BENEDICTUS XVI, *Litterae Apostolicae Porta Fidei*, in *Acta Apostolicae Sedis*, vol. 103 (2011), 1.

¹⁹⁹ BENEDICTUS XVI, *Adhortatio Apostolica Postsynodalis Verbum Domini*, in *Acta Apostolicae Sedis*, vol. 102 (2010), 2.

²⁰⁰ Cf. BENEDICTUS XVI, *Deus Caritas Est*, 28.

²⁰¹ Cf. BENEDICTUS XVI, *Spe Salvi*, 10.

²⁰² Cf. *Ibidem*, 43.

O Santo Padre afirma: «“O verdadeiro problema do nosso tempo é a ‘Crise de Deus’, a ausência de Deus, camuflada por uma religiosidade vazia. A teologia deve voltar a ser realmente teologia, um falar de Deus e com Deus”. Metz tem razão: o “unum necessarium” para o homem é Deus. Tudo muda, consoante Deus existe, ou não existe. Infelizmente, mesmo nós, cristãos, vivemos como se Deus não existisse (“etsi Deus non daretur”). Vivemos segundo o slogan: Deus não existe, e se existe, não se intromete. Por isso, a evangelização deve, acima de tudo, falar de Deus, anunciar o único Deus verdadeiro: o Criador – o Santificador – o Juiz»²⁰⁴.

Pela fé, nós acreditamos em Jesus Cristo e que seremos salvos, pois Ele nunca nos abandona segundo a sua promessa «Eu estarei sempre convosco, até ao fim dos tempos» (Mt 28,20).

A fé necessita da razão, porque a fé sem a razão corre o risco do alheamento da vida concreta das pessoas. Por outro lado, porém, a razão sem a fé está destinada a perder-se na ilusão da própria onipotência²⁰⁵.

Por fim, os cristãos têm como modelo Maria que *pensa com os pensamentos de Deus e quer a vontade de Deus*, Ela não pode ser senão uma mulher que ama²⁰⁶.

Apresento, agora, o segundo tema que é a Esperança Cristã, isto é, «“*SPE SALVI facti sumus*” – é na esperança que fomos salvos»²⁰⁷.

De facto, «A verdadeira e grande esperança do homem, que resiste apesar de todas as desilusões, só pode ser Deus – o Deus que nos amou, e ama ainda agora “até ao fim”, “até à plena consumação” (cf. Jo 13,1 e 19,30)»²⁰⁸.

²⁰³ Cf. BENEDICTUS XVI, *Spe Salvi*, 17.

²⁰⁴ Marco TOSATTI, *Dicionário do Papa Ratzinger - Guia para o pontificado*, Paulus Editora, Lisboa, 2006, p. 37.

²⁰⁵ Cf. BENEDICTUS XVI, *Caritas in Veritate*, 74.

²⁰⁶ Cf. BENEDICTUS XVI, *Deus Caritas Est*, 41.

²⁰⁷ BENEDICTUS XVI, *Spe Salvi*, 1.

²⁰⁸ *Ibidem*, 27.

Um mundo sem Deus é um mundo sem esperança (cf. Ef 2,12). Sem esperança porque sem Deus, porque somente Deus pode saciar a sede do mais além que faz parte da natureza humana.

Efetivamente, «Chegar a conhecer Deus, o verdadeiro Deus: isto significa receber esperança a posse duma tal esperança que provém do encontro real com este Deus»²⁰⁹.

Os santos, «porque estavam repletos da grande esperança»²¹⁰, são para os cristãos, o modelo de quem espera; mesmo nas grandes provações, não vacilaram na expectativa do infinito amor de Deus por eles.

Verdadeiramente «Deus é o fundamento da esperança»²¹¹; a «esperança segura de que Deus tem o mundo nas suas mãos e que, não obstante todas as trevas, Ele vence, como revela de forma esplendorosa o Apocalipse, no final, com as suas imagens impressionantes»²¹².

Farei, também, algumas considerações acerca da terceira virtude, que é o amor, o *ágape*, que São Paulo descreve na carta acima referida e usarei a palavra caridade como sinónimo, para significar o amor incondicional a Deus e/ou ao próximo.

Efetivamente, o Papa diz que «“Deus é caridade” (*Deus caritas est*); *da caridade de Deus tudo provém, por ela tudo toma forma, para ela tudo tende*»²¹³, por isso, a caridade é o maior dom que Deus concedeu aos Homens; faz parte da essência de Deus e é o motor da vida porque, sem ela, a vida humana seria impossível.

É Cristo que nos impele à caridade e dá-nos como exemplo a parábola do bom Samaritano. Efetivamente, os cristãos são chamados a ser sujeitos da caridade.

A caridade faz parte da missão da Igreja, pertence à sua natureza, é expressão irrenunciável da sua própria essência. A Igreja não pode descurar o serviço da caridade, tal como não pode negligenciar os Sacramentos nem a Palavra²¹⁴.

²⁰⁹ BENEDICTUS XVI, *Spe Salvi*, 3.

²¹⁰ *Ibidem*, 39.

²¹¹ *Ibidem*, 31.

²¹² BENEDICTUS XVI, *Deus Caritas Est*, 39.

²¹³ BENEDICTUS XVI, *Caritas in Veritate*, 2.

²¹⁴ Cf. BENEDICTUS XVI, *Deus Caritas Est*, 22.

Na realidade, «quem realiza a caridade em nome da Igreja, nunca procurará impor aos outros a fé da Igreja. Sabe que o amor, na sua pureza e gratuidade, é o melhor testemunho do Deus em que acreditamos e pelo qual somos impelidos a amar»²¹⁵.

Como Jesus ensinou, a caridade é a síntese de toda a Lei (cf. Mt 22,36-40) e, por isso, é a via mestra da Doutrina Social da Igreja²¹⁶. A «caridade dá verdadeira substância à relação pessoal com Deus e com o próximo»²¹⁷.

Os santos foram os homens e as mulheres que, nos seus contextos, melhor souberam viver a caridade e são para nós um desafio, porque a caridade é de todos os tempos e é para todos os seres humanos. A caridade «nunca acabará». (cf. 1 Cor 13, 8)

No seguimento do tema da caridade que temos vindo a refletir, abordarei alguns aspetos que estão relacionados com a caridade tais como a verdade, a justiça e a razão.

O Santo Padre afiança que há necessidade de conjugar a caridade com a verdade, isto é, a caridade há-de ser compreendida, avaliada e praticada sob a luz da verdade²¹⁸. O Papa afirma ainda que, «pela sua estreita ligação com a verdade, a caridade pode ser reconhecida como expressão autêntica de humanidade e como elemento de importância fundamental nas relações humanas»²¹⁹.

No prefácio do livro *Bento XVI - Um pensamento para o nosso tempo*, Henrique Noronha Galvão assegura a «Verdade como critério inalienável de todo o julgamento, porque a sua transcendência nos é revelada pelo Logos incarnado em Jesus Cristo»²²⁰.

Relativamente à justiça, Sua Santidade defende que a caridade exige a justiça: o reconhecimento e o respeito dos legítimos direitos dos indivíduos e dos povos, porque quem ama os outros com caridade é, antes de mais nada, justo para com eles, mas adverte que a caridade supera a justiça e completa-a com a lógica do dom e do perdão. Conclui, por fim,

²¹⁵ BENEDICTUS XVI, *Deus Caritas Est*, 31.

²¹⁶ Cf. BENEDICTUS XVI, *Caritas in Veritate*, 2.

²¹⁷ *Ibidem*.

²¹⁸ Cf. *Ibidem*.

²¹⁹ *Ibidem*, 3.

²²⁰ H. Noronha GALVÃO, *Bento XVI, Um pensamento para o nosso tempo*, Pedra Angular, Lisboa, 2009, p. 12.

que a caridade manifesta sempre, mesmo nas relações humanas, o amor de Deus; dá valor teologal e salvífico a todo o empenho de justiça no mundo²²¹.

O Bispo de Roma defende que a caridade na verdade requer, antes de mais nada, conhecer e compreender, no respeito consciencioso, a competência específica de cada nível do saber. A caridade, portanto, não exclui o saber, antes o reclama, promove e anima a partir de dentro²²².

Por fim, a fé, a esperança e a caridade são inseparáveis e implicam-se reciprocamente, mas a caridade é a maior das três virtudes, como afirma São Paulo na primeira carta aos Coríntios «permanecem estas três coisas: a fé, a esperança e o amor; mas a maior de todas é o amor (caridade)» (13,13).

Bento XVI considera que «Maria é a mulher por excelência das três virtudes teologais: a fé, a esperança e a caridade, a sua vida está em sintonia com a vontade de Deus e os seus pensamentos em sintonia com a Palavra de Deus»²²³.

Faremos, agora, uma breve alusão a outros temas que estão, direta ou indiretamente, referidos nas três encíclicas, tais como o bem comum, o Reino de Deus, a eternidade e, por fim, o desenvolvimento.

A propósito do bem comum, diz o Bispo de Roma: «querer o bem comum e trabalhar por ele é exigência de justiça e de caridade. Comprometer-se pelo bem comum é, por um lado, cuidar e, por outro, valer-se daquele conjunto de instituições que estruturam jurídica, civil, política e culturalmente a vida social, que deste modo toma a forma de *pólis*, cidade»²²⁴.

Bento XVI considera que «certamente, não podemos “construir” o Reino de Deus com as nossas forças; o que construimos permanece sempre reino do homem com todos os limites próprios da natureza humana. O Reino de Deus é um dom e, por isso mesmo, é grande e belo, constituindo a resposta à esperança. Nem podemos – para usar a terminologia clássica –

²²¹ Cf. BENEDICTUS XVI, *Caritas in Veritate*, 6.

²²² Cf. *Ibidem*, 30.

²²³ BENEDICTUS XVI, *Deus Caritas Est*, 41.

²²⁴ BENEDICTUS XVI, *Caritas in Veritate*, 7.

“merecer” o céu com as nossas obras. Este é sempre mais do que aquilo que merecemos, tal como o ser amados nunca é algo “merecido”, mas um dom»²²⁵.

O Sumo Pontífice expõe qual o significado da eternidade para a fé cristã, e diz que ela não é «uma sucessão contínua de dias do calendário, mas algo parecido com o instante repleto de satisfação, onde a totalidade nos abraça e nós abraçamos a totalidade. Seria o instante de mergulhar no oceano do amor infinito, no qual o tempo – o antes e o depois – já não existe. Podemos somente procurar pensar que este instante é a vida em sentido pleno, um incessante mergulhar na vastidão do ser, ao mesmo tempo que ficamos simplesmente inundados pela alegria»²²⁶.

Referindo-se ao desenvolvimento, o Santo Padre considera que a maior força ao serviço do desenvolvimento é um humanismo cristão²²⁷ que reaviva a caridade e que se deixa guiar pela verdade, acolhendo uma e outra como dom permanente de Deus. A disponibilidade para Deus abre à disponibilidade para os irmãos e para uma vida entendida como tarefa solidária e jubilosa»²²⁸.

O Sumo Pontífice assevera que o hino à caridade de São Paulo é a «Magna Carta de todo o serviço eclesial»²²⁹.

De facto, a caridade é a virtude mais importante entre todas, como São Paulo confirma no seu hino, (cf. 1 Cor 13,13) «agora permanecem estas três coisas: a fé, a esperança e o amor; mas a maior de todas é o amor».

O apóstolo dos gentios assegura, a seguir, acerca do amor: «O amor é paciente, o amor é prestável, não é invejoso, não é arrogante nem orgulhoso, nada faz de inconveniente, não procura o seu próprio interesse, não se irrita nem guarda ressentimento. Não se alegra com a injustiça, mas rejubila com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor jamais passará (1 Cor 13,4-8).

²²⁵ BENEDICTUS XVI, *Spe Salvi*, 35.

²²⁶ *Ibidem*, 12.

²²⁷ Cf. BENEDICTUS XVI, *Caritas in Veritate*, 78.

²²⁸ *Ibidem*.

²²⁹ BENEDICTUS XVI, *Deus Caritas Est*, 34.

Esta é a missão de todo aquele que deseja ser discípulo de Jesus e que Bento XVI, sendo na terra o Vigário de Cristo, procura fazer e anunciar com a sua própria vida, mas também com as três encíclicas, que acabamos de estudar nesta dissertação.

Por ocasião da visita a Portugal, Bento XVI no seu discurso no aeroporto da Portela, em Lisboa, entusiasmava os Portugueses, afirmando que a «relação com Deus é constitutiva do ser humano: foi criado e ordenado para Deus, procura a verdade na sua estrutura cognitiva, tende ao bem na esfera volitiva, é atraído pela beleza na dimensão estética. A consciência é cristã na medida em que se abre à plenitude da vida e da sabedoria, que temos em Jesus Cristo. A visita, que agora inicio sob o signo da esperança, pretende ser uma proposta de sabedoria e de missão»²³⁰.

Quando Peter Seewald, no seu livro entrevista *O Sal da Terra*, pergunta ao Santo Padre «o que é que Deus quer realmente de nós?», ele responde de modo assertivo:

«Quer que nos tornemos pessoas que amam, porque então somos imagens d'Ele. Porque Ele é, como nos diz São João, o amor, e Ele quer que haja criaturas que sejam semelhantes a Ele e que assim a partir da liberdade do seu amor, se tornem como Ele e Lhe pertençam e, desse modo, irradiem, a luz d'Ele mesmo»²³¹.

²³⁰ BENTO XVI, Em Portugal, *Discursos e Homilias*, Secretariado Geral do Episcopal, Editora Paulinas, Prior Velho, 2010², p. 18.

²³¹ Joseph RATZINGER (entrevista de Peter SEEWALD) *O Sal da Terra*, Tenacitas, Coimbra, 2005³, p. 253.

BIBLIOGRAFIA

- BENEDICTUS XVI, *Adhortatio Apostolica Postsynodalis Sacramentum Caritatis*, in *Acta Apostolicae Sedis*, vol. 99 (2007) pp. 105 – 180.
- BENEDICTUS XVI, *Adhortatio Apostolica Postsynodalis Verbum Domini*, in *Acta Apostolicae Sedis*, vol. 102 (2010) pp. 681 – 787.
- BENEDICTUS XVI, *Litterae Apostolicae Porta Fidei*, in *Acta Apostolicae Sedis*, vol. 103 (2011) pp. 723 – 734.
- BENEDICTUS XVI, *Litterae Encyclicae Caritas in Veritate*, in *Acta Apostolicae Sedis*, vol. 101 (2009) pp. 641 – 709.
- BENEDICTUS XVI, *Litterae Encyclicae Deus Caritas Est*, in *Acta Apostolicae Sedis*, vol. 98 (2006) pp. 217 – 252.
- BENEDICTUS XVI, *Litterae Encyclicae Spe Salvi*, in *Acta Apostolicae Sedis*, vol. 99 (2007) pp. 985 – 1027.
- BENTO XVI (entrevista de SEEWALD, Peter) *Luz do Mundo – o Papa, a Igreja e os Sinais dos tempos*, Lucerna, Cascais, 2010.
- BENTO XVI, Em Portugal, *Discursos e Homilias*, Secretariado Geral do Episcopal, Editora Paulinas, Prior Velho, 2010^{2ª}.
- BENTO XVI, *Guia para o estudo e aplicação da encíclica “Deus é Amor”*, Editora Paulinas, Prior Velho, 2007.
- FALCÃO, Manuel, *Enciclopédia Católica Popular*, Paulinas, Prior Velho, 2004.
- GALVÃO, H. Noronha, *Bento XVI, Um pensamento para o nosso tempo*, Pedra Angular, Lisboa, 2009.

- GODINHO, Mariam e outros (trad.) *Christos Enciclopédia do Cristianismo*, Verbo, Lisboa, 2004, pp. 316 – 317.
- PAULUS VI, *Litterae Encyclicae Populorum Progressio*, in *Acta Apostolicae Sedis*, vol. 59 (1967) pp. 257 – 299.
- RATZINGER, Joseph, (entrevista de SEEWALD, Peter) *O Sal da Terra*, Tenacitas, 3ª Edição, Coimbra, 2005.
- RATZINGER, Joseph, *A minha vida*, Livros do Brasil, Lisboa, 2005.
- SACROSANCTUM CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, *Constitutio Pastoralis Gaudium et Spes*, in *Acta Apostolicae Sedis*, vol. 58 (1966) pp. 1025 – 1115.
- SACROSANCTUM CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, *Decretum de Apostolatu Laicorum*, in *Acta Apostolicae Sedis*, vol. 58 (1966) pp. 837 – 864.
- TOSATTI, Marco, *Dicionário do Papa Ratzinger - Guia para o pontificado*, Paulus Editora, Lisboa, 2006.

WEBGRAFIA

- http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/biography/documents/hf_ben-xvi_bio_20050419_short-biography_po.html (12.04.2012).
- http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/encyclicals/index_po.htm (04.03.2012).
- http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1980/october/documents/hf_jp-ii_spe_19801010_evangelizzazione-ateismo_po.html (04.03.2012).